

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

→ escolha pelo tema: Diferença de 1^o aos trabalhadores Brancalguera / Udea

Trab Cert
S.9.f.3
3459

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

COMO SE SENTIR CIDADÃO EM MEIO AO LIXO: A BUSCA PELA
IDENTIDADE.

M. Nasser

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CDHIS

Campus Stª Mônica - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº

Cep 38400-912 - Uberlândia - M. G. - Brasil

Banco para semana que vem

Banco
07/03/07

LUCIANA SOARES SOUZA

4^o para 16hs.
3459 confirmar glória
3459 07
2 des

3459
S.9(c)

(1.1.1)

11

LUCIANA SOARES SOUZA

→ Na pag 13 = vc relembra as obras de Portelli
como suporte p/ o seu trabalho e f. Orde
Portelli que faz Hist. Oral de forma
a Filosofia e os fatos: narrativas e interpretações.
→ Base Hist. Oral - Paulo Almeida.

→

- Dossiê Hist. Oral - Paulo Almeida
- História.

COMO SE SENTIR CIDADÃO EM MEIO AO LIXO: A BUSCA PELA IDENTIDADE.

→ Outra discussão a ser entendida ainda em
q/ n' está bem resolvida é o uso dos
fontes Orais e a metodologia realizada para
coletar e organizar
→ falar de Heloisa

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em História, do Instituto de História
da Universidade Federal de Uberlândia, como
exigência parcial para obtenção do título de
Bacharel em História, sob a orientação da
Profª. Drª. Dilma Andrade de Paula.

... n' impede a utilização
mas vc tem q/ deixar
claro o contexto que foi produzido;
Qual o trabalho, qual o dia a dia
social q/ ele viveu
e qual a sua influência sobre
a história da cidade de Uberlândia
e qual a sua importância para a história da cidade de Uberlândia

Uberlândia, março de 2007.

→ Quantidade como transcrição dos fontes Orais
... acentuar a fala; pontuar as silêncios... os silêncios
... os ruídos... e outros... p/26 m de silêncio
→ pag 58.

LUCIANA SOARES SOUZA

**COMO SE SENTIR CIDADÃO EM MEIO AO LIXO: A BUSCA PELA
IDENTIDADE.**

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Dilma Andrade de Paula

Prof^ª. Ms. Geovanna de Lourdes Alves Ramos

Prof^ª. Ms. Maúcia Vieira dos Reis

Esta pesquisa é fruto de muito trabalho, onde superei muitas dificuldades, mas pude contar com o apoio de pessoas, que de alguma maneira, me incentivaram, e acreditaram em mim, dando-me forças para concretização dessa pesquisa. Primeiramente dedico este trabalho a Deus, pois sem seu amparo nada seria possível em minha vida. Em especial aos meus avós, que mesmo a distância me incentivaram e sempre acreditaram em mim. A minha mãe, Terezinha e ao meu irmão Rodrigo, que compartilharam poucas das minhas muitas angústias, já que muitas das vezes o silêncio me servia como refúgio, mas que, nem por isso deixaram de ser importantes para mim durante todos os momentos. Aos meus amigos: Eliene, Elizete, Leandro, Lindalva Graciella e Guilherme, com quem pude contar e compartilhar meus sucessos e insucessos ao longo desse tempo, que me incentivaram, me “suportaram” nos momentos mais difíceis de angústia e desânimo, os quais me motivaram dia-a-dia com sua amizade. As minhas amigas Patrícia e Lurdinha, pelo carinho e amparo. Ao meu namorado Emerson, que me fez perceber o quanto somos capazes de superar as dificuldades encontradas em nosso caminho. E a todos que não mencionei, mas que, de alguma forma acreditaram que este trabalho seria possível.

Agradeço aos professores do Instituto de História, que muito contribuíram para ampliar meu conhecimento acerca da história, fazendo perceber o quanto esta é importante e determinante em nossas vidas, especialmente a Professora Dilma Andrade de Paula, pela paciência, incentivo e dedicação com que sempre me orientou, ressaltando que seu incentivo nos momentos mais difíceis, foi fator determinante para a conclusão desta pesquisa. Agradeço também ao secretário do Instituto de História, meu amigo João Batista, pelos anos de dedicação e amizade dispensados durante todos esses anos. Agradecendo ainda aos sujeitos que compartilharam suas experiências através de suas narrativas orais, os quais me fizeram valorizar tudo o que tenho e tudo o que sou, fazendo enxergar o mundo com outros olhos. Pessoas as quais eu tive o prazer de entrevistar: Adilson Olar da Silva, Baltazar Onório, Fernando Lima, Henrique, Leontino, Milene de Soares e “Demorô”. Em especial ao Sr. Adilson Olar da Silva, que me fez perceber que apesar das dificuldades, ainda é possível sonhar e fazer da vida uma poesia.

Sumário

Apresentação.....	08
-------------------	----

Capítulo I

A busca pela identidade: falas e memórias de catadores de material reciclável.....	18
--	----

Capítulo II

Sobre a vivência na cidade.....	39
---------------------------------	----

Considerações Finais.....	57
---------------------------	----

Referências Bibliográficas.....	60
---------------------------------	----

Resumo

O presente trabalho busca pensar nas relações sociais construídas na cidade, a partir da vivência dos catadores de materiais recicláveis, que utilizam o carrinho de mão na cidade de Uberlândia-MG, tendo como referências o viver e o conviver na cidade, suas experiências, expectativas e conflitos acerca da cidade. Como estes sujeitos imprimem na cidade um modo de viver que contrasta com os modos tidos como padrão. Assim, através de suas narrativas orais, suas lembranças selecionadas, busquei apreender os modos de vida desses sujeitos e suas relações de trabalho.

Partindo de suas histórias e memórias, procuro dialogar com esses trabalhadores, sobre o que a cidade e o trabalho com o material reciclável representam para eles em diferentes tempos de suas vidas, como se relacionam, como eles se vêem inseridos na sociedade e a busca pelo reconhecimento de seu trabalho.

Apresentação

Esta pesquisa propõe pensar no viver dos catadores de materiais recicláveis, em Uberlândia – MG, em especial os que utilizam o carrinho de mão. Partindo das análises das narrativas orais destes sujeitos históricos irei refletir sobre suas vivências, experiências, hábitos e relações sociais no espaço urbano.

Minha inquietação acerca dos catadores de material reciclável que utiliza o carrinho de mão, no seu modo de viver, surgiu assim que me mudei para Uberlândia, em 2001, já que sou do interior de Goiás, Paranaiguara, uma cidade pequena de pouco mais de 10.000 (dez mil) habitantes, não que lá no interior de Goiás não existam catadores de material reciclável, existe, mas estes não são vistos com descaso e ameaça como na cidade grande, mas sim, como trabalhadores normais sem vínculos empregatícios, que tem suas casas, seus filhos, vizinhos, relações “normais de uma sociedade”.

Mesmo antes da pesquisa, por vezes observava estes trabalhadores nas ruas da cidade, e me perguntava, como uma cidade tão grande pode oferecer tão pouco pra essa gente, aposentados, mulheres, crianças, que fizeram das ruas da cidade suas moradias “invisíveis”, como essas pessoas convivem, se relacionam e sobrevivem à margem da sociedade.

Na disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa em História, com a Professora Heloísa Helena Pacheco Cardoso, que tive a oportunidade de discorrer sobre o tema dos catadores de material reciclável, que até então apenas me inquietava, percebendo que naquele momento eu poderia observar, entrevistar, entender e discutir os diferentes modos de vida dos catadores de material reciclável que utilizam o carrinho de mão.

Como estes sujeitos impõem sua presença na cidade, buscando neste espaço o respeito e o reconhecimento por seu trabalho, diante disso, instigada a buscar outras concepções sobre este “mercado de trabalho informal”¹, fiz destes sujeitos, os catadores de material reciclável de Uberlândia – MG, objetos de minha pesquisa

¹ Segundo dados do IBGE (1997): Mão-de-obra empregada no setor informal: 12,87 milhões de pessoas ou 25% da população do país; 8% de participação no PIB, rendimento médio de um trabalhador informal: R\$ 240. Este instituto aponta como “Concentração da Informalidade”: “Por Região: Norte: 5%, Centro Oeste: 7%, Sul: 15%, Nordeste: 27%, Sudeste: 47,5%. Por atividade: Transporte: 6,7%, Alojamento e alimentação: 8%, Serviços Técnicos: 11%, Indústria de Transformação: 12%, Construção Civil: 16%, Serviços: 20%, Comércio: 26%”. Dados retirados do Jornal “Folha de São Paulo”. 09 de Julho de 1999. 2º caderno. P. 01. Apud: MORAES, Sérgio Paulo. In: *Correndo o Mundo: Trabalho e Vivências de Carroceiros na cidade de Uberlândia (1970-1999)*. Uberlândia: Departamento de História, UFU, Monografia, 1999, Introdução, p.31.

Apud - ①
 1º Sérgio Paulo: Correndo o mundo... monografia
 → Fez no CDHIS?

monográfica, a qual me possibilitaria compreender melhor os modos de vida desses sujeitos e suas relações de trabalho.

É a partir das histórias e memórias destes sujeitos, que produzi uma reflexão acerca de suas experiências e vivências no espaço urbano. Procurei dialogar com esses trabalhadores, de acordo com suas lembranças, o que a cidade e o trabalho com os materiais recicláveis representam para eles em diferentes tempos de suas vidas, como se relacionam quais as opções de lazer encontradas para seus momentos de “folga”, como eles se vêem inseridos na sociedade e a busca pelo reconhecimento de seu trabalho. Com isso, busquei compreender como eles enxergam o papel de um cidadão, que busca no trabalho informal sua identidade.

A grande parte destes trabalhadores veio do interior em busca de melhores condições de vida, na ilusão das oportunidades não alcançadas em suas cidades, a maioria deixou para trás família e amigos, perdendo com isso vínculos de amizade e cumplicidade. Coletar lixo é uma alternativa encontrada por alguns desses trabalhadores, como não atingem a qualificação exigida pelo mercado, vêm nesse trabalho uma estratégia de sobrevivência. Ainda sendo uma forma de trabalho vista como degradante pela sociedade, os catadores de materiais recicláveis fizeram do lixo uma forma de obter a renda para o próprio sustento.

A coleta de material reciclável em Uberlândia – MG tornou-se um meio de sobrevivência de muitas famílias carentes, mulheres, negros, idosos, crianças... No decorrer do tempo histórico, projetos foram desenvolvidos, como a CORU² cooperativa criada por catadores de material reciclável em parceria com a Prefeitura Municipal de Uberlândia, que fechou por falta de administração, além de diversos galpões particulares de compra de materiais recicláveis. ???

Conforme relato dos próprios trabalhadores, percebemos que à medida que foram sendo criadas as cooperativas, os galpões de compra de materiais recicláveis foram se multiplicando, e com o crescente desemprego e consequentemente um maior número de catadores de material reciclável nas ruas da cidade, não nos esquecendo das mais diversas e criativas maneiras de se coletar o material, como a utilização de carros, carroças e até de bicicletas, isso trouxe consigo a queda do preço.

Como a principal fonte de renda destes trabalhadores é a coleta do material reciclável, e devido à concorrência nesse mercado informal, é necessário que se

² CORU - Cooperativa de Reciclagem de Uberlândia, Rua Tomazinho Rezende, nº. 2001, no Bairro Daniel Fonseca – Uberlândia – MG/2004.

Não é uma Associação formada
pelos próprios catadores, tem a inter-
venção da PM municipal

o material coletado

diversifique a coleta: papelão, o plástico que eles chamam de pet, garrafas de vidro, latas, alumínio, dentre outros, em busca de um melhor preço na hora da venda do material, já que existe uma variação de preços entre os produtos.

Para compreender a maneira como esses trabalhadores, vivem, trabalham, moram, se divertem, tomei como ponto de partida a busca por estes sujeitos nas ruas da cidade. Privilegiei os catadores que trabalham "a pé" e que utilizam o carrinho de mão, a partir daí, foram realizadas abordagens e alguns poucos concordaram com as entrevistas, contando ainda, com a disposição destes em contribuir para a pesquisa a partir de suas narrativas. Muitos deles não têm um bairro fixo de coletar o material, mas, alguns coletam nos Bairros Marta Helena, Santa Mônica, Saraiva e Fundinho.

Para isso, foram realizadas sete entrevistas com catadores de materiais recicláveis, os quais utilizam carrinho de mão, cujas vivências são distintas. Dentre os sujeitos entrevistados temos seis homens e uma mulher, citados no final desse trabalho. As entrevistas se deram de diferentes maneiras, sendo que a minha maior dificuldade para com elas se deu na abordagem, uma vez que estes trabalhadores experimentam formas de controle por parte dos poderes públicos, que tentam "a todo custo limpar a cidade", apoiados em normas que determinam sobre o uso do espaço público. Mesmo vivendo na "clandestinidade" e despossuídos dos direitos garantidos aos demais cidadãos do mercado formal de trabalho, como: registro em carteira, acesso aos direitos trabalhistas, estes sujeitos experimentam o controle do poder público, com o discurso tudo em nome da "ordem e do progresso".

Segundo Blume, a multiplicidade de processos sociais, nos permite refletir sobre as formas alternativas de povoar a cidade, reconhecendo que "a luta por espaços da cidade é social e se explicita de forma diferenciada ao longo do tempo", sendo, sobretudo, uma luta permanente e quotidiana. À medida que o poder e a forma de "organizar" a cidade procura excluir os trabalhadores de determinados locais, eles ocupam espaços e demarcam lugares, redefinindo os contornos da cidade.³

As reações às minhas abordagens foram as mais diversas. Houve trabalhador que não quis nem responder um bom dia, pedindo para que eu desse licença que ele tinha que trabalhar; ou quanto eu ia pagar para entrevistá-lo, ao que me recebeu com um

³ BLUME, Luiz Henrique dos Santos. " 'O Porto Maldito': modernização, epidemias e moradia da população pobre em Santos no final do século XIX", p. 129-151. (Apud) COUTO, Ana Magna Silva. In: Trabalho, Quotidiano e Sobrevivência: catadores de papel e seus modos de vida na cidade - Uberlândia - 1970-1999. São Paulo: Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 2000, Introdução, p.05.

Apud - 2 - Ana Magna Dissertações.

→ CDHIS

foi o avô que fez o papel

sorriso no rosto disposto a sentar-se no passeio onde estávamos e ali mesmo realizarmos a entrevista.

Outra dificuldade encontrada na realização das entrevistas foi a troca de interesses, onde o sujeito entrevistado percebendo meu interesse em sua história de vida, nas suas relações de trabalho, propunha uma troca, "indiretamente e algumas vezes diretamente" a informação em troca de ajuda financeira, isso se dava de diferentes formas, desde a ajuda em espécie "*dinheiro*" até a ajuda com mantimentos, roupas e remédios.

Apesar das dificuldades com as entrevistas, são inevitáveis os laços de amizade e confiança que surgem com o decorrer do tempo, e foi a partir destes laços de amizade e confiança que eu me dispus a coletar o material reciclável nas ruas da cidade de Uberlândia por um dia, com um dos meus sete entrevistados. Infelizmente, o entrevistado "*conhecido pelo apelido de Demorô*"⁴, não concordou com a gravação da entrevista, mas foi com o trabalho de campo que pude perceber melhor como esses trabalhadores sentem-se rasgando sacolas de lixo pela cidade, os olhares da sociedade, a intolerância dos automóveis para com estes trabalhadores, os vínculos de amizade e confiança criados entre os catadores de materiais recicláveis, comerciantes e moradores da cidade.

Minha percepção acerca deste trabalho de campo deu-se de forma plural, em momentos eu percebia que as pessoas nos observavam, talvez para ver se sujariamos aquele local, observei também que pessoas cochichavam a nosso respeito, sem fazer muita questão em disfarçar. Segundo o próprio entrevistado, as pessoas comentam: "*como que um preto pobre e sujo arruma uma menina branquinha e limpinha dessas, só pode tá com AIDS*", na concepção do entrevistado, uma pessoa limpinha, branquinha só vai catar material reciclável se estiver com AIDS.

A questão da invisibilidade neste mercado informal em minha opinião ficou clara durante o trabalho de campo, como saímos bem cedo para coletar o material, nos deparamos com muitas donas de casa retirando seu lixo para fora, e em vários momentos nos encontramos com donas de casa varrendo suas calçadas, e por vezes nem um "*bom dia*" recebíamos, houve donas de casa que disseram: "*oh! Não precisa rasgar a sacola não, o que é reciclável tá aí separado*".

⁴ "Demorô" – catador de material reciclável, ex-presidiário, morador das ruas de Uberlândia há seis meses, não quis que a entrevista fosse gravada, também não quis falar o seu nome e idade, entrevista realizada em 2004.

Os laços de amizade e confiança também são visíveis, há locais em que os comerciantes guardam o material para os trabalhadores, como é o caso do “Demorô”, que em determinados comércios ele pode entrar com o carrinho e recolher o material. ??

Ainda tem a questão das drogas entre estes trabalhadores, sendo que, todos os catadores entrevistados por mim, são ou foram dependentes de algum vício como: cigarro, álcool, ou outras drogas como a maconha e o crack.

vida de Demorô
É clara a resistência por parte dos entrevistados que migraram de suas cidades, em busca de oportunidades, em falar sobre família, amigos, sonhos. Foi possível perceber durante a “entrevista informal” realizada com o Sr. “Demorô”, sua resistência ou talvez frustração em falar de família, filhos e trabalho. Durante nosso trajeto conversávamos sobre mulheres e cadeia, ele me contava sobre o grande amor da sua vida que se chamava “Joana Darc” por quem segundo ele foi apaixonado, mas que há anos não há via, pois tinha ficado preso por seis anos em São Paulo - motivo desconhecido -, e assim que foi solto veio para Uberlândia de carona. ??

memória do assunto
Ao falar da fonte oral, não se pode negligenciar as dificuldades existentes, particularmente quando se apresenta a tarefa de utilizá-las. Além das questões metodológicas, que, a rigor, constituem-se num aprendizado contínuo – realizar a entrevista, transcrever, digitar, analisar e interpretar -, é preciso, ainda, atentar para o uso que se faz do material, já que estamos lidando com experiências de sujeitos, de seres humanos; e isso exige sempre sensibilidade, respeito e ética.

A história oral tem como elemento de composição a possibilidade de aproximação da realidade das pessoas, assim como tem a capacidade de se transmutar em ciência e arte do indivíduo. Estamos, por estas razões, concebendo memória não apenas como preservação de informações, para as quais nos reportamos somente com o intuito de conhecer o passado. Pelo contrário, entendemos memória como um processo constante de atribuição de significados, não para o passado, mas para o presente, o que, em última instância, significa lidar, de forma indissociável, com a relação passado/presente⁵.

Percebi durante o trabalho de campo a dificuldade de se trabalhar com a fonte oral, onde o narrador usa de estratégias, como falar rápido, fumar, mudar de assunto, para desviar a atenção de assuntos mais delicados, como família. mem sempre

⁵ ALMEIDA, Paulo Roberto. Dossiê História Oral: uma breve apresentação. www.revistafenix.pro.br, arquivo capturado dia 05/02/2007.

repetido
passo 10, 11, 12
ve trilha de 10

Durante as entrevistas houve recusa, estranheza e resistência por parte de catadores de materiais recicláveis, sendo que alguns não quiseram colaborar com esta pesquisa, outros não aceitaram a gravação da mesma, mas por outro lado houveram aqueles que se dispuseram em colaborar com a realização deste trabalho, se dispondo a falar sobre suas trajetórias de vida e suas dificuldades.

tem a monografia e a dissertação

Diversos trabalhos foram feitos sobre este tema de catadores de material reciclável em Uberlândia – MG, como, por exemplo, a Dissertação de Mestrado em História Social de Ana Mágnia Silva Couto⁶, busca problematizar as vivências dos catadores de papel em Uberlândia, as condições de trabalho, moradia, saúde, as formas de convívio e as alternativas de diversão em momentos de descanso. A autora discute sobre a cidade e a importância dos sujeitos enquanto seres ativos, que imprimem sua presença no espaço urbano, além dos conflitos existentes nas relações sociais estabelecidas na cidade.

A Dissertação de Mestrado em História Social de Sérgio Paulo Morais⁷ problematiza o espaço urbano a partir das vivências dos carroceiros em Uberlândia, entre 1970 e 2000. O autor discute a complexidade de relações, perspectivas e conflitos, vividos cotidianamente, por trabalhadores carroceiros na cidade de Uberlândia, e ainda a miséria que se intensificou a partir das transformações físicas ocorridas na cidade, ou seja, o processo de modernização, fazendo com que muitos de seus cidadãos se tornassem dependentes dos restos produzidos pela sociedade.

Ver no texto se está certo e se for o mesmo

No intuito de elaborar um trabalho monográfico discutindo o significado das fontes orais, tive como referência, as obras de Alessandro Portelli⁸, que em especial deram-me suporte neste momento da pesquisa. Ao refletir sobre a importância da história oral, em seu trabalho “O que faz a história oral diferente”⁹, nos diz que o único e precioso elemento que as fontes orais têm sobre o historiador, ¹⁰ é que nenhuma outra fonte possui em medida igual, é a subjetividade do expositor. Segundo o autor, as fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez, sendo assim, a construção da narrativa revela

*catador
que
está
destaque
na
dissertação
p. 17*

⁶ COUTO, Ana Magna Silva. **Trabalho, Quotidiano e Sobrevivência: catadores de papel e seus modos de vida na cidade – Uberlândia – 1970-1999**. Dissertação de Mestrado. SP. PUC, 2000.

⁷ MORAIS, Sérgio Paulo. **Trabalho e Cidade – Trajetórias e Vivências de Carroceiros na cidade de Uberlândia-1970-2000**. Dissertação de Mestrado. Uberlândia – MG, UFU, 2002.

⁸ PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Revista Projeto História. São Paulo, 14 fevereiro de 1997.

⁹ Idem, p. 31.

um grande empenho na relação do relator com a sua história, uma vez que a história oral é uma prática social.

① A reflexão de Portelli acerca da credibilidade das fontes orais consiste no fato de que afirmativas “erradas” são ainda psicologicamente “corretas”, e que esta verdade pode ser igualmente tão importante quanto registros factuais confiáveis¹⁰.

Segundo Thomson, as lembranças são compostas daquilo que o narrador acredita ter sido no passado, sendo necessário analisar além daquilo que o sujeito está narrando, percebendo também suas experiências posteriores, e, por isso, a maneira como ele conduz suas narrativas.

*“O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser”.*¹¹

② De acordo com Alessandro Portelli: “Os entrevistados estão sempre, embora talvez discretamente, estudando os entrevistadores que os estudam”¹².

Para Yara Aun Khoury em seu estudo sobre cultura e memória, também foi de grande ajuda na reflexão sobre o modo como os indivíduos organizam a narrativa no presente, e por isso ela é construída a partir dos seus objetivos para o futuro, não nos esquecendo que a narrativa é carregada de intenções. Segundo a autora, não tem como se falar de memória, mas sim de memórias no plural.

③ Déa Ribeiro Fenelon¹³ discute a relação passado/presente, onde muitos profissionais ainda defendem a perspectiva de que a História só poderia discutir os fatos e acontecimentos de um passado distante. Essa é uma postura política que desconsidera a necessidade de “inverter a relação passado/presente para tornar mais explícita a relação do momento do qual partimos, ou seja, entre nossos problemas, nossas lutas e

¹⁰ Idem, p. 32.

¹¹ THONSON, Alistair. **Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre história oral e as memórias**. In: Ética e História Oral. São Paulo: Educ – Editora da PUC/SP, 1997. p. 57. Apud: COSTA, Neila Lamonier. In: Uma praça, numa cidade: desigualdades e diferenças no viver o espaço público. Uberlândia-MG 2005. Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, abril de 2006. Apresentação, p. 16.

¹² PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Revista Projeto História. São Paulo, 14 fevereiro de 1997. p. 36.

¹³ FENELON, Déa Ribeiro. **Muitas Memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'água, 2004, p. 117-138. Apud: COUTO, Ana Magna Silva. In: Trabalho, Quotidiano e Sobrevivência: catadores de papel e seus modos de vida na cidade – Uberlândia – 1970-1999. São Paulo: Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 2000, Introdução, p.09.

As obras citadas em APU D 3
todas encontradas facilmente na o
caso da citação 13...

Veja que
o texto
do THONSON
é o
trabalho
da Neila
O que
veio
de quem
deu quem

experiências históricas de outros momentos, para conseguir politizar a história que transmitimos e produzimos”.

Busquei inspiração também nos textos de E. P. Thompson¹⁴, onde o autor analisa as mudanças nos modos de vida da classe trabalhadora, buscando discutir e entender as relações sociais desses sujeitos, sua cultura e experiência a partir da Revolução Industrial, onde o processo capitalista foi experimentado pela classe trabalhadora em forma de exploração, onde os trabalhadores muito resistiram na tentativa de garantir as necessidades básicas comum a toda sociedade, como: alimentação e moradia, mas que devido ao aumento da pobreza esses trabalhadores tiveram que mudar seus hábitos de vida.

A opção pela fonte oral fundamentou-se na possibilidade de discutir as vivências dos catadores de material reciclável em Uberlândia a partir da reelaboração de suas histórias de vida, conforme as expectativas de cada sujeito. Procurei através de suas falas, compreender como estes sujeitos interpretam a sua realidade.

As histórias contadas por estes narradores, são reelaboradas de acordo com suas vivências, podendo sofrer subtrações ou acréscimos no decorrer do tempo histórico, é necessário ainda que o entrevistador absorva algo mais do que está sendo falado, observando seus gestos, postura, tonalidade da voz, pausas, momentos de emoção, dentre outras características que expressam sentimentos, que nem sempre conseguimos transcrever, mas que não são menos importantes, visto que a história narrada faz parte da trajetória de vida deste sujeito.

O entrevistador deve dispensar atenção às narrativas de cada sujeito, dispensando-lhes a devida atenção, mesmo que este não tenha respondido questões que gostaríamos de saber, ou como gostaríamos que respondesse. Diante disso procurei desenvolver meu trabalho de campo, ouvindo os sujeitos, respeitando suas opiniões, sua visão acerca da cidade e da sociedade, tentei pensar as diferentes posturas destes sujeitos sociais, expressadas em suas narrativas de acordo com suas vivências pessoais.

O respeito entre entrevistador e entrevistado é um fator de grande importância para se conseguir um bom resultado na entrevista, não nos esquecendo do compromisso e da responsabilidade para com a pesquisa monográfica.

Diante disso, é necessário atentarmos ao tratamento dispensado a fonte oral, não desprezando outras fontes, lembrando sempre que ao fazer uso da fonte oral

¹⁴ THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum. Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p. 18-19.

estamos lidando com pessoas, que têm sentimentos, não nos esquecendo que por vezes essas lembranças podem ser dolorosas, histórias de vida difíceis de serem contadas, e por isso suas narrativas merecem respeito. “*O principal paradoxo da história oral e das memórias é de fato que as fontes são pessoas, não documentos...*”, assegura Alessandro Portelli¹⁵.

Além dos autores acima citados, busquei na obra de Fernando Braga da Costa¹⁶, embasamento teórico para pensar algumas questões vivenciadas na cidade, como a humilhação social, e a invisibilidade pública. Costa aborda questões essenciais para discussão e entendimento da humilhação social, no qual sujeitos sociais “convivem” cotidianamente.

Partindo das narrativas dos sujeitos desenvolvi meu trabalho de campo, ouvindo os indivíduos, respeitando suas opiniões, suas concepções acerca da sociedade e do meio de trabalho em que vivem a partir das minhas reflexões tentei pensar as diferentes posturas destes sujeitos sociais, expressadas conforme suas narrativas de acordo com suas vivências pessoais compartilhadas entre os sujeitos que compõe este mercado informal.

É importante ressaltar que antes de exercerem a atividade de catar material reciclável, estes trabalhadores desenvolveram outras atividades, partindo desse ponto, elaborei, então, algumas questões: quais foram as atividades exercidas por esses trabalhadores? O que fizeram? Quais oportunidades tiveram? Quais as expectativas? O que os atraiu até aqui? Como se dá a busca pela identidade mediante a humilhação social? Estes sujeitos possuem sonhos? Quais? Estes são alguns pontos levantados no decorrer deste trabalho.

No que se refere à temporalidade da pesquisa, houve a dificuldade em estabelecer um período cronológico, já que implica em delimitar o tempo e as experiências desses sujeitos, mas, o recorte cronológico situa-se no período de 2004-2006, momento em que foram realizadas as entrevistas.

¹⁵ PORTELLI, Alessandro. “A filosofia e os fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”. In: Revista Tempo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Vol. 1, nº 2, p. 59-72. (Apud: COUTO, Ana Magna Silva. In: Trabalho, Quotidiano e Sobrevivência: catadores de papel e seus modos de vida na cidade – Uberlândia – 1970-1999. São Paulo: Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 2000, Introdução, p.11.

¹⁶ COSTA, Fernando Braga da. **Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social** – São Paulo: Editora Globo, 2004.

Para um melhor desenvolvimento deste trabalho, foi organizado em dois capítulos, nos quais refleti sobre as vivências dos catadores de material reciclável em Uberlândia, na perspectiva dos próprios sujeitos, em diferentes temporalidades.

— No primeiro capítulo – a busca pela identidade: falas e memórias de catadores de material reciclável – busquei nas narrativas dos sujeitos sociais ^{os} os sentimentos e trajetórias de vida e buscas de identidades.

No segundo capítulo – A vivência na cidade e a solidariedade, como se dão os vínculos de amizade entre esses trabalhadores e a sociedade, bem como suas tensões e conflitos.

Capítulo I

A busca pela identidade: falas e memórias de catadores de material reciclável.

"... Eu já sei o quê que eu sou, nasci no mês de sagitário, sou um cara que gosto de sabe, de aprende, sou muito curioso, quase num me abro pra ninguém também, num dou meu braço a torcer, num tenho orgulho também não, eu já comi muito lixo aqui, e o lixo é mais limpo do que o lixo do meu lixo, você entendeu. Sabia que o lixo é mais limpo do que o lixo do nosso lixo sabia que o lixo é limpo. O lixo é mais limpo do que a nossa carne, eu vivo no lixo, eu cato lixo, e eu num gosto do luxo".¹⁷

Adilson Olar da Silva.

Neste capítulo busco interpretar as narrativas orais dos sujeitos entrevistados, suas falas e memórias, os diferentes modos de se trabalhar com o material reciclável, os entraves, conflitos e disputas pelo material na cidade e como eles imprimem sua presença no espaço urbano.

Nesta pesquisa limitei-me a trabalhar com os catadores de material reciclável que utiliza o carrinho de mão em Uberlândia, a partir de suas narrativas acerca da sua trajetória de vida, onde o entrevistado constrói e articula seu depoimento conforme suas lembranças e interesses. A respeito da construção das narrativas orais Rinaldo José Varussa, nos diz que:

"... Não devemos tomar as falas dos depoentes como a totalidade da realidade ('a verdade dos fatos'), mas como uma prática que materializa e externaliza um diálogo dele com seu passado, a partir das circunstâncias vividas num presente, que articula seleções, silêncios, esquecimento e avaliações decorrentes, por exemplo, da presença do entrevistador e das situações e preocupações presentes na produção do depoimento".¹⁸

¹⁷ Adilson Olar da Silva, 32 anos, solteiro, diz não ter filhos, natural da região de Barbacena, município de Ressaquinha. Atualmente cata material reciclável em Uberlândia. "Poeta". Entrevista realizada em 04 de Julho de 2004. *onde*

¹⁸ VARUSSA, Rinaldo José. **Catadores de Papel em Marechal Cândido Rondon – PR: memórias, narrativas, experiências de vida e de trabalho.** In: ALMEIDA, Paulo Roberto. **Outras Histórias: memórias e linguagens.** São Paulo, Olho d'água, 2006.

No caso dos catadores, sua narrativa é construída a partir das expectativas que eles têm do presente, se articulando com o passado, seus sonhos, frustrações, indignação, como forma de justificar os motivos que os levaram a exercer a atividade de coletar o material reciclável, o que nos possibilita uma reflexão acerca das suas trajetórias de vida. Neste sentido, entendo, com Rinaldo Varussa, a partir do diálogo com Thompson, que:

"... A documentação, no caso, o depoimento oral, para o historiador, são fragmentos das ações humanas – e não o próprio passado – possibilitando um diálogo com as situações vividas em outros momentos, a partir do presente compartilhado também pelo pesquisador".¹⁹

Os catadores representam uma categoria diversificada, podemos observar em meio aos trabalhadores, homens, mulheres, crianças e velhos, que buscam nessa atividade sua sobrevivência. A grande parte dos entrevistados veio de outros estados em busca de oportunidades, diferentes sujeitos têm seus caminhos entrecruzados no espaço da cidade. As diferenças são perceptíveis também nas formas de se trabalhar, nos espaços por onde circulam e nas ferramentas de trabalho utilizadas, sendo nessas diferenças que esses sujeitos compartilham a experiência de viver e trabalhar na cidade.

O serviço de coleta de materiais recicláveis, denominado popularmente de "catação de lixo", vem sendo desenvolvido de forma autônoma por inúmeras pessoas que desqualificadas tecnicamente, desestruturados organizacionalmente e excluídos socialmente, buscam a sua sobrevivência e a de seus familiares, nessa atividade. A evolução crescente deste mercado culminou com a institucionalização da "fidelização" da mão-de-obra, através do fornecimento por parte, de alguns setores, do mercado comprador, do carrinho de coleta, equipamento indispensável para a coleta do material reciclável e de uma cesta básica em troca do serviço diário. Esta fidelização representa, para o comprador, a garantia da matéria prima e, para o catador a oportunidade única de estar provendo a renda para a sua sobrevivência e de sua família, uma vez que não dispõe de condições financeiras e creditícias para comprar ou consertar o seu próprio equipamento de trabalho.

A coleta de material reciclável é um mercado lucrativo, ainda que na via de inclusão social por meio do trabalho de catação e comercialização de materiais reaproveitáveis, alguns catadores de material até se organizam em cooperativas e

¹⁹ THOMPSON, E. P. *Miséria da teoria ou um planetário de erros*. 1981. p. 47-63. Apud: VARUSSA, Rinaldo José. In: *Catadores de Papel em Marechal Cândido Rondon* – PR: memórias, narrativas, experiências de vida e de trabalho.

associações, mas eles não são contemplados nem valorizados, uma vez que todo o material é vendido para atravessadores²⁰, o lucro não fica nas mãos de quem percorreu a cidade recolhendo o material. Esse exército de trabalhadores informais desvia em média 20% dos resíduos urbanos para um circuito econômico complexo, que passa por intermediários e termina nas empresas de reciclagem de plástico, vidro, papel, alumínio, cobre e ferro. A reciclagem de materiais, que em outros países como o Japão é associada à modernidade, no Brasil, é baseada na exploração da miséria de parte da população²¹.

Práticas distintas como: o viver e o conviver na cidade serão refletidas no decorrer desta pesquisa, tendo como referência as memórias e histórias dos sujeitos sociais, segundo suas narrativas orais, a partir das suas lembranças selecionadas. O conteúdo das entrevistas com os catadores de material reciclável possibilita vislumbrar as diferentes trajetórias de vida desses trabalhadores, assim como suas frustrações e seus desencantos em relação à cidade.

É importante lembrar que a maioria dos catadores de materiais recicláveis já desempenhou outras atividades no passado. O que nos leva a questionar sobre questões como: Quais foram às atividades desenvolvidas por estes trabalhadores? O que fizeram, quais oportunidades tiveram? Por que não continuaram? O que os trouxe para Uberlândia? O Sr. Adilson Olar, conta em sua entrevista, que antes de trabalhar com material reciclável, já trabalhou em várias outras atividades, como por exemplo:

“... Eu trabalhei muito em fazenda, né, até os 17 anos e pouco, né, depois fui até o Rio de Janeiro trabalha numa construtora, Rodominas, né. Já trabalhei registrado em São Paulo, na Itamar Correia, trabalhei na Artec, trabalhei em firmas que mexe com tecidos, ar condicionado também bastante tempo, trabalhei em várias firmas fichado. Ai depois cabô o serviço, aí depois mexi com roupa, vendedô, né. Num rumei mais emprego, fiquei um bom tempo também na rua. Ai depois eu comecei a tomá conta de coisas pequena, banca, camelô, trabalhano de vendedô, né, ai rato começo a pega daqui, pega dali, ai mudei de ramo, fiz uns bico ali em Santo Amaro, fui voluntário também, mexeno com povo de rua, fiquei bastante tempo. Depois resolvi escreve também uns livrinho lá, umas poesia, viaja prá esse norte de Minas Gerais, vendê, depois num deu certo. Então, resolvi também a vendê livros, fiquei três anos vendeno livros, fazendo poesias, vendeno Literatura Brasileira²²: Machado de Assis, José de Alencar, História, Geografia, teu vândia e iscrivia, iscrivia bastante, joguei muitos pensamento fora, né. Hoje eu tenho vontade de volta a iscreve novamente, né, tô com os pensamento mais elevado agora, né, tendo mais inspiração. Também

²⁰ Pessoa que tem o papel de intermediário na compra e venda do material reciclável, que é quem sempre fica com o lucro.

²¹ www.setorreciclagem.com.br. Arquivo capturado dia 14 de fevereiro de 2007.

²² Em sua entrevista o Sr. Adilson Olar da Silva diz ser amante dos livros. Sempre gostou de ler e escrever, porém, encontra dificuldades tanto para ler quanto para escrever.

Escolalidade??

32 anos

*trabalhei dois meis só puxano papel, aí eu fiz umas carga muito boa lá, aí eu consigui amonta um negócio pra mim mesmo, né, só que num deu certo, né, tive muitos poblemas, muitas decepções, tive muitas confusões, brigas, aí tive que retira, né, fui até ameaçado de morte. E hoje estou aqui em Uberlândia, né...”*²³

Os acontecimentos da vida do Sr. Adilson Olar são contados conforme suas memórias, não havendo uma seqüência cronológica, mas sim, apoiada em suas lembranças, onde ele constrói suas narrativas. Essas contínuas mudanças de atividade na vida do Sr. Adilson Olar poderiam ser analisadas como insatisfação e inconformismo, à condição vivida por ele. A expectativa em montar o seu próprio negócio, e a frustração vivida por ele no exercício de uma ocupação, onde ele “não seria mandado”, a falta de gerência e instabilidade trouxe para o Sr. Adilson Olar, uma série de decepções e ameaças, que o levaram a desistir do negócio e até mesmo a se mudar de cidade. A idéia de que, montando o seu próprio negócio o Sr. Adilson Olar, poderia ter melhores condições de trabalho e remuneração, e, conseqüentemente ser reconhecido enquanto cidadão digno de respeito acabou resultando em decepções, as quais ele não faz questão em comentar.

O desejo percebido, não só em sua fala, mas também em suas expressões, em poder escrever poesias e o seu próprio livro, transformou-se em frustrações diante das dificuldades sociais, o pouco estudo, a falta de apoio, fez com que o Sr. Adilson Olar deixasse seus “pensamentos” de lado. É muito curioso perceber como em meio a tantas dificuldades financeiras, emocionais e sociais, ele busca inspiração na miséria vivida por eles, na leitura, ainda assim, sendo despertado pelo gosto da literatura. Em sua entrevista ele relata que, durante o tempo em que ficou em São Paulo, começou a freqüentar a Biblioteca Mário de Andrade, passava as tardes lendo Machado de Assis, José de Alencar, Fernando Pessoa e outros poetas, na intenção de encontrar alguma coisa, que na verdade nem ele mesmo sabe definir certamente, talvez algo que justificasse sua condição social, os obstáculos que se colocam à sua frente e de tantos outros que vivem uma situação parecida com a sua. Ele conta que de tudo o que ele leu o que ele mais gostou até hoje é a Pedra no Caminho de Carlos Drummond de Andrade.

*“No meio do caminho tinha uma pedra”
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.*

²³ Adilson Olar da Silva, depoente citado.

*Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra.
Tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra".*²⁴

Segundo o Sr. Adilson Olar:

*"... Essa pedra no caminho está à frente de nossos olhos, são obstáculos, eu queria ultrapassar, ultrapassar a parede desse terminal, eu queria ter acesso a sê respeitado, eu queria entrar dentro duma empresa e as vezes num consigo, vêm amanhã, vem depois, já tem o lugar, então, a pedra no caminho pra mim, ela é uma barreira ...".*²⁵

Essa pedra no caminho para o Sr. Adilson Olar, é a falta de oportunidade, a falta de respeito, que é imposta pela desigualdade social, onde o indivíduo é julgado pela aparência. Para ele, essa barreira criada pela própria sociedade, ainda vai levar muitos anos a ser rompida, e que a cada dia que se passa ela está crescendo, é o mal da sociedade: *"... Essa barreira ela foi criada pela própria sociedade, pela própria burguesia, que discrimina, que exclui, que tortura, que machuca, que joga como se fosse lixo..."*.²⁶

Já na literatura de Fernando Pessoa, em O Fingidor²⁷, o Sr. Adilson Olar nos fala mais sobre o sentimento das pessoas, na tristeza por detrás de um sorriso, *"... você vê o sorriso das pessoas, mas é um sorriso que num existe... a tristeza está por dentro..."*, a sua sensibilidade ao analisar o outro, nos leva a refletir como cada um, individualmente, vivência sua experiência social. E enquanto relata suas reflexões do mundo, da vida, não percebo amargura em sua fala, nem tampouco em seus gestos, mas ao contrário, uma vontade grande de mudança, de igualdade, de sinceridade nos gestos das pessoas, e é durante a sua atividade de catador de material reciclável, que ele diz refletir acerca dos problemas, e na maneira de se chegar à igualdade social, e por isso a sua vontade de escrever um livro.

²⁴ Poesia de Carlos Drummond de Andrade – No Meio do Caminho.

²⁵ Adilson Olar da Silva, depoente citado.

²⁶ Idem.

²⁷ Poesia de Fernando Pessoa – Cancioneiro – Autopsicografia. O poeta é um fingidor. Finge tão completamente que chega a fingir que é dor. A dor que deveras sente. E os que lêem o que escreve, na dor lida sentem bem, não as duas que ele teve, mas só a que eles não têm. E assim nas calhas de roda gira, a entreter a razão, esse comboio de corda que se chama coração.

lindo!

*a forma
com que
Sr. Olar
vê o
mundo*

Como o Sr. Adilson Olar, outros trabalhadores entrevistados também exerceram outras atividades, antes de coletar o material reciclável, como o Sr. Fernando Lima²⁸, que já desempenhou outras atividades, como: —

*“... Ah, eu sempre trabalhei nos serviços gerais, né, fazeno de tudo, fui servente, já trabalhei no limpadoro, já fiz de tudo, pintor, letreiro, tudo... Eu tenho a esperança ainda de arrumá um impreguim, se eu, tivesse a oportunidade de entra na Triângulo²⁹, mais ...”.*³⁰

Para o Sr. Fernando Lima, que diz já ter feito de tudo, e que hoje trabalha com o material reciclável, percebe-se que devido às contínuas mudanças de atividade, o que nos deixa clara a sua insatisfação com a sua realidade, percebemos também seu interesse em trabalhar “fichado” na empresa de transportes Triângulo, que ele julga ser um “sirvicim bão” mais... Como ele mesmo coloca:

*“... Eu, eu uma vez eu fui vê se eu conseguia entrá na Triângulo, aí como eu num tinha carteira assinada, nunca assinei a carteira, eles exigiu, né, logo de começo assim um ... experiência de 1 ano de carteira assinada, do último serviço, aí já tava na fila assim, fui o primeiro a sai da fila. E nois passô a noite inteira lá, eu mais um colega, pá vê se conseguia pega uma fichinha, mais quase que eu fiquei, porque eu falei não, meu primeiro emprego, né, e tal, ia conversa com ele, mais eu falei não... eu vô sai, porque eu acho que num vai da certo não, perdi as esperança a hora que eles falaro aquilo lá, mais eu tenho vontade de trabaiá num sirvicim bão ...”.*³¹

Ainda que sua fala demonstre desânimo e certa pena de si mesmo, a desilusão, por ele não ter qualificação para competir de igual para igual no mercado de trabalho, nesta ocasião, quando o Sr. Fernando Lima nos fala que “tem vontade de trabaiá num sirvicim bão”, a partir de sua narrativa é possível perceber que o que ele chama de “sirvicim bão” é um emprego onde se tenha “mordomias”, ou seja, trabalhar pouco e ganhar bem, uma vez que em sua entrevista ele mesmo fala que é “meio preguiçoso”, não gosta de trabalhar o dia todo, e nem nos finais de semana, preferindo ganhar menos e trabalhar menos.

²⁸ Fernando Lima Neves, 26 anos, solteiro, diz não ter filhos. Entrevista realizada em 27 de março de 2004. Entrevista de tamanha dificuldade já que os companheiros do entrevistado, pai, primo e amigo estavam todos muito bêbados e interferindo por diversos momentos nas falas. Pessoa de tamanha importância para esta entrevista “Mateus Spezamiglio”, pois sem ele eu não teria conseguido realizar esta entrevista.

²⁹ Triângulo – Auto Viação Triângulo, sistema integrado de transporte de Uberlândia.

³⁰ Fernando Lima, depoente citado.

³¹ Idem.

Revelando ainda, uma atitude fatalista da vida, que o faz enfrentar o difícil e árduo trabalho todos os dias, pois essa é uma das poucas alternativas dignas de sobrevivência, e dessa maneira trava uma verdadeira luta interior visando à aceitação e o enfrentamento da sua condição atual.

Fernando Lima, ainda nos diz que o critério utilizado para a contratação de funcionários para trabalhar na empresa Triângulo, não foi o nível escolar, uma vez que ele tem o ensino médio incompleto, tendo cursado até a 5ª série, qual ele julga ser o bastante para conseguir um emprego, diz ainda, ter vontade de estudar, *“mas que é muito difícil, tem que trabalhar ajudar o pai, correr atrás”*.

Já o morar na rua, buscar no material reciclável a sobrevivência para a Srª. Milene de Soares³² foi a alternativa encontrada para adquirir sua “liberdade”, nascida em família rica, tradicionalmente, rígida³³, e criada pela avó, após a separação dos pais, teve a oportunidade de estudar em bons colégios e a cursar faculdade, ela conta o seguinte:

“... Eu morava com a minha avó, porque eu fui criada por ela, mais pela faculdade ficar em Bragança, meu pai alugou uma casa e eu morava em Bragança Paulista, pra não viajar todo dia porque era perigoso... Faltou um ano pra eu me formar em Direito, na Universidade São Francisco em Bragança Paulista, e eu parei porque eu conheci meu ex-marido e larguei tudo pra ficar com ele...”.³⁴

Esses acontecimentos da vida da Srª. Milene de Soares poderiam ser reflexos da desestrutura familiar, da criação muito rígida, imposta pelo pai mesmo à distância, onde mesmo vivendo em outra cidade, em um apartamento alugado pelo pai, vivia sob constante monitoramento, o que certamente a incomodava, visto que a tão sonhada liberdade não existia, preferindo assim abandonar tudo pra ficar com o marido, o qual não era aceito pela família, dentre outros motivos pela diferença de classe social, como ela nos diz:

“... Olha, quando eu conheci meu ex-marido, meu ex-marido já tinha sido preso, por isso que a minha família não aceitava ele, por causa de situação econômica diferente, entendeu, ele não era estudado, essas coisa, entendeu...”.³⁵

³² Milene de Soares Pires, 37 anos, solteira, natural de São Paulo. Entrevista realizada em maio de 2005.

³³ Pelo fato de seu pai ser da polícia, delegado na época em Ribeirão Preto, sempre foi muito autoritário, motivo esse de pai e filha não manterem um bom relacionamento, o que levou a Srª. Milene a ser criada pela avó, após a separação dos pais.

³⁴ Milene de Soares, depoente citada.

³⁵ Idem.

Novamente, nos deparamos com a questão social, quando a situação econômica torna-se fator determinante na vida dos sujeitos. A Sr^a. Milene de Soares tem uma trajetória de vida conturbada, com o monitoramento constante do pai que era muito rígido, e a avó na tentativa de mediar a situação, fazia os caprichos e mimos da neta:

“... Mais até 17 anos de idade, que eu fui sair pra passear lá na praia, minha avó tinha que ir junto comigo, só que pra você ver, não adiantava, desde dos 12 anos eu cheirava, ela ia ficava num canto, eu ficava com o pessoal na frente dos barzinhos escutando música, ia pro banheiro cheirava cocaína, e ninguém sabia. Eu nunca escondi, eu chegava na minha avó e falava: vó num vai entra no meu quarto porque eu vô ta cheirando, num entra no meu quarto porque eu vô ta fumando, nunca menti...”.³⁶

São diferenciadas as razões que levaram esses sujeitos a trabalhar com o material reciclável, para a Sr^a. Milene de Soares, seria estar fugindo dos padrões morais e “normais” impostos pela sociedade, as constantes brigas com o pai, as drogas, os mimos da avó, foram os motivos que a levaram a morar nas ruas, após a separação do marido. Lugar este, onde não haveria rédeas, mimos, entretanto, o caminho mais difícil para se obter a tão sonhada liberdade. Há um ano nas ruas de São Paulo, ela conheceu o Sr. Joélcio Bernardo da Silva, conhecido por “carioca”³⁷, seu atual companheiro, na época ambos eram moradores de rua e começaram a coletar o material reciclável há pouco mais de um ano. Sobre o morar nas ruas de São Paulo, a Sr^a. Milene de Soares nos conta que: *“... Em São Paulo, tem um lugar chamado minha rua, minha casa, então, você ia lá tomava banho, você lava a sua roupa, eles te dão lanche, não é igual aqui, que você tem que ficar procurando lugar pra toma banho...”*.³⁸

→ fulga
meu o
do
autôre

A forma de se relacionar nesta cidade, o tratamento que é destinado a estes sujeitos, são fatores ainda mais agravantes do processo de exclusão social, sofridos por eles, não se tem um centro de assistência a esses moradores, como em outros estados, como São Paulo e Rio de Janeiro. Apesar das dificuldades até para se tomar banho, a Sr^a. Milene de Soares, ainda considera que:

“... É, prá comida o povo aqui dessa cidade não é ruim não, em São Paulo é muito difícil, o pessoal não gosta de dá comida, dá mais é dinheiro, você pede alguma coisa, eles preferem dá em dinheiro. Aqui o pessoal dá até

³⁶ Milene de Soares, depoente citada.

³⁷ Joélcio Bernardo da Silva, 27 anos, catador.

³⁸ Milene de Soares, depoente citada.

pra você fazê, tanto quanto pronto. Almoço, eu e o carioca não precisa gastar dinheiro com almoço, porque a gente tá com o carrinho³⁹, sempre tem uma pessoa que fala: oh, você não quer comer um pouquinho. Tem sempre alguém...”.⁴⁰

De certa forma, a maneira de se relacionar com os moradores de Uberlândia, diferentemente de São Paulo e Rio de Janeiro, é mais tranqüila, segundo a Sr^a. Milene de Soares, as pessoas são mais solidárias, principalmente em relação à alimentação, isso pode ser devido à violência vivida pelos moradores das grandes capitais, preferindo assim, um contato mais afastado.

Apesar das dificuldades, os catadores de material reciclável experimentam uma suposta liberdade nesse trabalho, por não haver controle de horários, dias, locais, mesmo em meio à exploração a que são submetidos todos os dias, acreditam ter autonomia no trabalho, pelo fato de “ninguém lhes dá ordens”. O Sr. Adilson Olar ao relatar suas experiências profissionais, também diz não ter interesse em trabalhar “fichado”, porque a gente é robado, sobre isto, ele nos conta que:

“... Eu não tenho interesse de trabalhá fichado porque, pra começa o salário é muito miserável, e pra começa a gente é muito domado por muitas regras, muito pucha saco, e a gente é robado. Oh, a primeira firma que eu trabalhei ela me robou, porque até hoje quando eu vô consulta o meu PIS, ela nunca depositô meu PIS, são muitos anos, mais de onze anos, esse PIS meu, como é que fica esse PIS, até hoje quando eu vô na Caixa Econômica Federal, lá vê lá, dá zero, zero, zero, zero, cadê meu PIS? Eu num ganhava dois salário mínimo. Eu prefiro trabalhá por conta própria, eu prefiro sê o meu patrão, eu faço o meu horário, ninguém ta me mandano, como o que eu quero, trabalho o dia que eu quero, faço o que eu quero, e etc...”.⁴¹

Percebemos na fala do Sr. Adilson Olar, a consciência dos seus direitos enquanto trabalhador, quando ele nos diz que ele não ganhava dois salários mínimos, e porque não foi depositado o seu PIS, deixando clara sua indignação e sua resistência em trabalhar com carteira assinada. Prefere trabalhar com o material reciclável, e não ser “domado”, chegando a trabalhar até 14 horas por dia, pra ganha em média R\$ 20,00 reais “e ainda tem vez que num ganha nada”. Mas que de alguma forma acreditam ter certa liberdade, exercendo controle sob seu próprio tempo. É uma contradição interessante, porque ao mesmo tempo em que parece ser um trabalho livre, ainda que

³⁹ Como o carrinho utilizado por eles é emprestado pelo galpão de segunda a sexta-feira, nos finais de semana, eles trabalham com sacos plásticos, o que dificulta ganhar comida nestes dias.

⁴⁰ Milene de Soares, depoente citada.

⁴¹ Adilson Olar da Silva, depoente citado.

extremamente precário, o trabalhar nas ruas, faz com que as pessoas sejam confundidas com indigentes e tomadas pelo que não são.

Para o Sr. Baltazar Onório de Oliveira⁴², 52 anos, casado, que trabalha na construção civil como servente, durante o dia, iniciou na atividade, a partir da influência de seu cunhado, Henrique. O Sr. Baltazar conta que, quando esteve desempregado, seu cunhado Henrique o chamou para catar material reciclável, a princípio o Sr. Baltazar não tinha carrinho, saía juntamente com sua esposa Tereza para coletar, utilizando sacos grandes de plástico. Agora mesmo empregado ele continua coletando o material, só que com um carrinho de mão, e mesmo trabalhando o dia todo é na boca da noite que ele sai com sua esposa, para coletar o material reciclável pra complementar sua renda.

A forma como alguns trabalhadores iniciam a atividade tem, geralmente, a influência ou o incentivo de alguém. O Sr. Baltazar conta que, quando esteve desempregado, o seu cunhado o Sr. Henrique o chamou para catar com ele. Atentar para essas formas de inserção na atividade de coletar papel ajuda a apreender alguns elementos da relação entre os trabalhadores, como a solidariedade, o querer ajudar o outro, o que revela a constituição de redes de relações que vão sendo tecidas entre os trabalhadores. Relações de amizade e solidariedade, que se aprofundam no envolvimento com o trabalho. Não bastou simplesmente querer catar. Foi preciso que alguém que já estivesse envolvido o ajudasse, convidando a trabalhar juntos⁴³.

Sr. Baltazar nos conta que tem sua carteira assinada com um salário mínimo, mas que na verdade não dá um salário, porque vem com os descontos do INSS, *“tem um tanto de desconto”*, chama o seu trabalho com o material reciclável de *“biquim prá ajudá”* na renda familiar. Apesar da idade, ele diz que se sente bem trabalhando em dois serviços, *“que vê eu fica doente é eu fica a toá, ai eu adoço, num tem sofrimento de ficar queto dentro de casa, pela minha idade eu acho que eu tô bem forte ainda”*⁴⁴.

O Sr. Baltazar afirma que com o salário que ganha trabalhando como servente não dá para manter as despesas de aluguel, água, luz, alimentação e remédios, sendo assim, foi necessário recorrer à atividade de catador de material reciclável, para a complementação de sua renda. Para o Sr. Baltazar não compensa trabalhar somente com o material reciclável, porque segundo ele:

⁴² Baltazar Onório de Oliveira, 52 anos, casado, morador do Bairro Santa Mônica, trabalha na construção civil como servente. Entrevista realizada em 24 de Julho de 2004.

⁴³ COUTO, Ana Mágnã Silva. Ver p. 75.

⁴⁴ Baltazar Onório, depoente citado.

*"... Tem muito catado⁴⁵, mais tem demais. Tem dia que cê sai no bairro aí, cada rua cê vê um, quê dizê, cada um ruma um poquinho, mais assim pra sobrevive num dá, né, é muito poco. No começo até que era bõ, há uns ano atrás juntava tanta coisa mais, tem catadô demais..."*⁴⁵

Segundo o Sr. Baltazar, no período em que estava sem trabalhar como servente, ele e a sua esposa foram para as ruas catar o material reciclável, nos diz ainda que, existem dias em que não se acha quase nada, tendo que percorrer bairros mais distantes na esperança de encontrar o material, depois tem que classificar tudo para entregar no galpão.

Logo, a experiência de cada trabalhador são elementos significativos para se compreender como cada um vivencia a experiência social, diferentes posturas diante do trabalho e das relações sociais. O catar material reciclável é a alternativa encontrada por esses sujeitos para resistir as diferentes condições de subordinação que o trabalho formal impõe.

Anália L. Soria e Christiane Girard Ferreira Nunes⁴⁶, analisam a crise do modelo de desenvolvimento fordista e suas derivações em problemas de emprego e desemprego nos países centrais. Elas nos mostram os efeitos da flexibilidade no mercado de trabalho em países como Estados Unidos e Inglaterra e refletem sobre a relação entre trabalho e construção da cidadania no Brasil, apontando as falhas e rupturas da gestão neoliberal. A respeito da construção da cidadania as autoras dizem que o problema não é o subemprego, mas o emprego e sua remuneração. O emprego oferecido é de má qualidade porque não permite acesso à construção da cidadania. Fazer parte e integrar-se é impossível num país onde famílias vivem com um a dois salários mínimos, quando têm emprego. O Brasil é um país de trabalhadores, sim, mas não de trabalhadores com cidadania.

Nem todos os trabalhadores têm consciência do que é cidadania, a humilhação marca a personalidade desses sujeitos, seja a partir de frases ou gestos dos outros, que imprime no corpo e na alma desses sujeitos a marca da inferioridade, ou até mesmo da invisibilidade.

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ SORIA, Anália L. NUNES, Christiane Girard Ferreira. **Crise econômica e crise na cultura do trabalho**. In: Sociedade e Estado – Trabalho: crise e reconstrução. Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília – Brasília: O Departamento, 1986. Revista Semestral de Sociologia. Volume XI, número 2, Julho – Dezembro de 1996. Editora Relume-Dumará, pg 251 - 280.

para o grafico mencionado qual?

Grande parcela dos motoristas, sempre lembra pelas palavras agressivas, gestos impacientes ou simplesmente buzinando, que aquele é um dos espaços da cidade que não mais pertence a esses trabalhadores e talvez nem a outros. É um espaço que não os tolera mais, pois se tornou exclusivo para os carros, o que exige habilidade para o imprevisto por parte dos catadores. Sr. Fernando Lima, expressa em parte as dificuldades que tem ao coletar o material pela cidade: “... É no trânsito, quando a gente atrapalha. Uai, a gente tem que arredá o carrim assim depressa, porque se não eles passa em cima da gente e prega o dedo na buzina...”.⁴⁷

esquivando a vigilância da dm

Nesse sentido, os coletores apresentam formas diferenciadas de enfrentar as dificuldades existentes ao coletar o material nas ruas, principalmente nas áreas centrais. Esses sujeitos muitas das vezes só são percebidos quando “atrapalham”, seja o trânsito, ou mesmo por estarem presentes em determinados locais. Sendo que, nas relações conflituosas, nas disputas por espaços da cidade, que esses sujeitos saem das sombras. Como é um trabalho realizado nas ruas, coletar material significa estabelecer relações conflituosas com outros sujeitos que também circulam pela cidade.

Segundo o Sr. Adilson Olar, é no trânsito que eles encontram maior dificuldade, visto que a cidade foi planejada para os veículos, e os motoristas por sua vez, se acham donos da cidade, e por isso é necessário estratégias para lidar com as dificuldades decorrentes do trabalho na rua. Enfrentando os carros em ritmo bem diferente, os catadores de material reciclável que utilizam o carrinho de mão, fazem uso da esperteza para esquivar-se dos problemas, como serem atropelados ou mesmo xingados. “Já jogaram carro em cima de mim, já me xingaram, já me fecharam, só que tô sempre de olho vivo, né. Eu tô mais cuidano deles do que de mim...”.⁴⁸

Para além das dificuldades enfrentadas pelos catadores, como puxar o carrinho pela cidade, o cansaço físico, é necessário lidar com a discriminação e com o sentimento de indiferença por parte de uma determinada parcela da população.

Fernando Braga da Costa⁴⁹, mestre e doutorando em Psicologia Social pela USP, pautou sua pesquisa a partir da disciplina Psicologia Social II, onde assumiria, por um dia, uma profissão reservada as classes pobres. Fernando escolheu ser gari na própria Universidade.

um pouco antropológico...

⁴⁷ Fernando Lima, depoente citado.

⁴⁸ Adilson Olar da Silva, depoente citado.

⁴⁹ COSTA, Fernando Braga. **Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Globo, 2004, p. 26.

O compromisso já se estende há aproximadamente dez anos, Fernando assumiu a tarefa de varrer ruas semanalmente, junto aos garis da Cidade Universitária, em São Paulo, participando diretamente das atividades. Ao longo do tempo, foi possível acompanhar como se configuram as relações sociais, os jogos de poder e os conflitos.

O autor nos propõe a pensar, os jogos de interesse, como se interiorizou o sentimento de dominação nos sujeitos das classes subalternas, trabalhando ainda a questão da invisibilidade pública, onde pessoas que trabalham em atividades consideradas subalternas não são “vistas” pela sociedade, “é como se a pessoa passasse por um poste, por uma árvore”, diz Fernando, que trabalha ainda a questão da humilhação social.

Ele, Fernando Braga da Costa, sentiu na pele o problema ao trabalhar como gari, varrendo ruas, onde se é visto simplesmente como “coisa”, ou mera ferramenta de trabalho a quem se dão ordens.

O autor nos diz que:

*“A humilhação social apresenta-se como um fenômeno histórico, construído e reconstruído ao longo de muitos séculos, e determinante do cotidiano dos indivíduos das classes pobres. É expressão da desigualdade política, indicando exclusão intersubjetiva de uma classe inteira de homens no âmbito público da iniciativa e da palavra, do âmbito da ação fundadora e do diálogo, do governo da cidade e do governo do trabalho. Constitui, assim, um problema político. A exclusão política fabrica sintomas, infestando o afeto, o raciocínio, a ação e o corpo do homem humilhado. Assume poder nefasto: ao mesmo tempo em que molda a subjetividade do indivíduo pobre, caracterizando-o muitas vezes como um ser que não pode criar mas que deve repetir, esvazia-o das condições que lhe possibilitariam transcender uma compreensão imediata e estática da realidade”.*⁵⁰

A humilhação do “outro” como forma de afirmação de uma identidade que se quer superior, que se exprime tanto no discurso, quanto nos gestos como forma de demarcar sua superioridade. E as expressões desses sujeitos humilhados podem variar: são os olhos baixos, o protesto confuso, são lágrimas e muitas das vezes a violência, como forma de exprimir sua angústia, diante de situações de humilhação:

“A humilhação marca a personalidade por imagens e palavras ligadas a mensagens de rebaixamento. São mensagens arremessadas

⁵⁰ COSTA, Fernando Braga da. Ver p. 63.

*em cena pública: a escola, o trabalho, a cidade. São gestos ou frases dos outros que penetram e não abandonam o corpo e a alma do rebaixado: o adulto e o idoso, já antes o jovem ou a criança, vão como que diminuir, vão guardar a estranha e perturbadora lembrança de quem a eles se dirigiu como quem se tenha dirigido ao inferior".*⁵¹

Em sua dissertação, Fernando nos fala das condições de trabalho, descreve diversas situações, como por exemplo, a limpeza das lixeiras do campus:

*"... A lixeira é uma espécie de 'armário' de alvenaria, com portas de ferro e cerca de 1 metro e meio de altura por 5 de comprimento e 2 de profundidade. Localizam-se invariavelmente nos lugares menos visíveis de cada prédio. O gari deve retirar todos os sacos de lixo de dentro dela, lava-la e depois colocar todos os sacos de volta. O problema é que nem todos os sacos estão fechados e são usadas também caixas de papelão, o que resulta em muito lixo espalhado dentro da lixeira: comida, lixo de banheiro, latas, papeis e objetos quebrados, como mesas, cadeiras e até armários; 'restos de tudo que se possa imaginar'. E, claro, insetos de todos os tipos, principalmente baratas, e até ratos... O contato direto com a imundície é inevitável, e o fedor faz arder o nariz e os olhos".*⁵²

Ao refletirmos sobre as condições de trabalho das classes subalternas, não é difícil compreender por que esses sujeitos se sentem humilhados, o que se agrava com o olhar de desprezo que é destinado a esses trabalhadores.

É significativa a irônica frase de Machado de Assis⁵³: *"Na sociedade, como a criaram, as peças têm de ficar onde estão bispo é bispo, cavalo é cavalo"*. Em expressão bem popular: "Cada macaco no seu galho".

Na entrevista realizada com a Sr^a. Milene de Soares é clara a falta de respeito que eles sofrem, não só por parte da sociedade em geral, mas também por policiais que "trabalham pela ordem e segurança" da sociedade. A esse respeito ela nos conta que:

"... Na rodoviária tem polícia, que pegaro outro dia o carioca porque ele tava dentro da rodoviária, só que ele ia toma banho e tinha um cara que a gente conhece e chamou ele, oh carioca, vem aqui tomá uma cerveja, ele tava tomando a cerveja, a polícia mandou ele sair de dentro da rodoviária, ele falou: mais porque? Eles perguntaram onde que você mora? Ele falou: 'moro onde não mora ninguém. Eu também falaria, porque ele tava se sentindo humilhado, ele tava sentado tomando uma cerveja, porque que ele tem que sair, porque ele tá sujo? A polícia ainda levou ele pra fora,

⁵¹ COSTA, Fernando Braga da. Ver p. 63.

⁵² Revista Caros Amigos, novembro de 2003. **Olhe bem, aproveite, porque eles são invisíveis.**

⁵³ ASSIS, de Machado. **Balas de Estalo.**

Referências bibliográficas

bateu nele, levaro ele pra delegacia, e ainda tomáro todo o dinheiro que ele tinha vendido a carga, tava com R\$24,00 reais, tomáro todo o dinheiro dele, pra você vê, porque ele tava tomando uma cerveja sujo, mas se a pessoa chamô não ligô, porque conhecia, sabe que é um cara trabalhador, num é vagabundo nem nada. Pra você vê que até a polícia tem preconceito..."⁵⁴

A segregação de espaços sociais, marcados por desequilíbrios no direito à cidade apresenta-se como lugares de pobres e de ricos, sempre marcados por antagonismos de classe. O trabalho e a cidade organizados sobre divisão entre superiores e inferiores trazem consigo a amargura de trabalhadores que ficam à margem da crescente renda, o que é facilmente justificado pela classe dominante.

Acontecimentos diários imprimem nesses sujeitos a marca da inferioridade, expressa nas mensagens dirigidas a eles em cenas públicas, acontecimentos constrangedores, como relata o Sr. Adilson Olar:

*"... Olha me aconteceu uma coisa muito triste, eu fiquei aborrecido, tô chateado até hoje, otro dia eu tava na João Pinheiro, embarquei no ônibus, 121⁵⁵, no sentido ao terminal, né, prá depois embarcá num ônibus sentido Tocantins, sabe o que aconteceu quando eu entrei dentro do terminal, eu acho que quando eu embarquei no ônibus lá na Avenida João Pinheiro, eu já fui discriminado, parece que eu entrei no ônibus como um suspeito. Quando eu embarquei no ônibus do Tocantins, tinha dois cobradores perto do cobrador, que já tinha largado o serviço, falô assim: é hoje a polícia tá pegano pessoas que vai até Goiás, que vai prá Tocantins ali no bairro, né. Só que aconteceu, eu já senti que ia acontecer alguma coisa comigo, quando eu tava chegano perto de... do bairro Guarani, ai abriro a porta do ônibus, entraro aqueles três policiais já foi mandano eu tirá as minhas coisa, joga no chão, com uma falta de respeito, o cobradô e o motorista num deu bola prá mim, eu tive que pega minhas coisa, quase que eu fico sem ropa, quase que eu fico nu lá, e eu seno que eu trabalho todos os dia, eu tava dento daquele ônibus todos os dia, pra mim foi uma falta de respeito, pra começa ninguém foi a meu favor, isso que eu achei uma falta de respeito, e só eu fui abordado. Prá mim ali foi um preconceito racial, ninguém deu a mínima, se fosse pra me levá no pau eu perderia, se entendeu. Perguntaro onde eu morava, eu falei que nos sem teto, que eu mexo com papelão, mexo com lixo, e por ai adiante".*⁵⁶

Esse acontecimento constrangedor pelo qual o Sr. Adilson Olar passou, despertou nele um sentimento de revolta e raiva, expressos no seu tom de voz e na sua fisionomia,

⁵⁴ Milene de Soares, depoente citada.

⁵⁵ 121 – ônibus da Viação Triângulo que faz a linha sentido Luizote de Freitas.

⁵⁶ Adilson Olar da Silva, depoente citado.

sendo possível perceber nas suas expressões e gestos, a raiva contida. Já que naquele momento ele sentiu na pele, o preconceito racial, quando ele diz “*só eu fui abordado*”, *Por quê? Por estar sujo? Por ser negro? Sem teto? E porque ninguém foi a meu favor?*

A humilhação pública age como um golpe externo/interno de forma desenfreada, causando nesses sujeitos humilhados A angústia, a raiva, e a vergonha, são acontecimentos que marcaram a alma desses sujeitos, lembranças que mesmo com o passar do tempo, podem levar as lágrimas, e trazer a tona sentimentos dolorosos e angustiantes. Agressividade e constrangimento são sentimentos presentes nessa relação.

Segundo Fernando Braga da Costa:

*“... Desejamos afirmar politicamente a igualdade ou seguir reafirmando a desigualdade? Igualdade não é categoria, sobretudo econômica ou cultural: é categoria política... Igualdade não é identidade ou equação, eu e o outro juntos como eu e o retrato de mim. Não a supressão de diferenças, igualdade implica certamente a supressão da dominação. Conta quando nos reunimo no igual direito de agir e falar, no direito de governar cidade e trabalho, ninguém no direito de governar alguém”.*⁵⁷

A discriminação, a indiferença e até mesmo a agressividade, a que são diariamente submetidos, é por vezes justificada por estes trabalhadores, visto que, em todas as atividades existem indivíduos displicentes, segundo o Sr. Adilson Olar:

*“... Esse negócio deles não gostarem das pessoas que puxa o papelão, numa certa ocasião eu concordo, sabe por causa de que? Porque em meio aos nossos trabalhos, tanto faz, o seu, o meu, e de outros, existe aquele atraso, já houve casos de carroceiro, furta lojas, é... atropela alguém, ou rouba, mais só que eles num pode julga todo mundo assim...”.*⁵⁸

Muitas das vezes o desrespeito para com esses sujeitos, na opinião do Sr. Adilson Olar, é porque existem muitos catadores que rasgam os sacos de lixo, retiram o que lhes interessa e deixam o restante do lixo jogado nas calçadas, há ainda os que bebem muito e acabam por incomodar outras pessoas, tem ainda os que roubam, então, esses trabalhadores acabam generalizando essa classe, e por isso muitas pessoas se dirigem aos catadores de material reciclável como “*um bando de baderneiros*”.

⁵⁷ COSTA, Fernando Braga da. Ver p. 36-37.

⁵⁸ Adilson Olar da Silva, depoente citado.

A Sr^a. Milene de Soares diz que a maioria dos catadores rasga os sacos de lixo, segundo ela em conversa com os garis da cidade, eles dizem o seguinte:

“... Na hora que a pessoa rasga, quando a gente pega o saco aquilo ali voa tudo e a gente não pode ficar catando as coisas do chão, quantas vezes voa caco de vidro, porque tudo que tá lá dentro cai, quebra garrafa. Eles também tem raiva de carrinho nesse sentido...”.⁵⁹

Ela continua nos dizendo que:

“... Todo mundo acha que quem puxa carrinho é vagabundo. Não, tem gente que fala assim, a gente vai pedir um poquinho de água pra gente, daí fala: porque que vocês não trabalham. Olha é a idéia, então, eu tô fazendo o quê? Mais isso é culpa do próprio carrinho, meu, porque eles são relaxados, a maioria não abre o saco de lixo, eles rasgam, rasga, aí a pessoa começa a não por mais de raiva, entendeu...”.⁶⁰

A falta de consciência ou mesmo revolta por parte de alguns catadores, é expressa nas suas atitudes, talvez sua indignação frente à humilhação sofrida. A incompreensão frente a dois mundos completamente diferentes, bem como as dificuldades de compreensão de um pelo outro, principalmente pelo rebaixado que necessita se afirmar num mundo em que se é visto e sentido como inferior, onde é frequentemente humilhado, pela ostensiva indiferença do não-reconhecimento.

Para os catadores de material reciclável, afirmar-se enquanto trabalhadores é negar essa definição de vagabundo, baderneiro, mendigo, que possam estar relacionadas à impressão que alguns grupos sociais possam ter desses sujeitos. A imagem de um sujeito sujo, andando pelas ruas da cidade, revirando sacos de lixo, não quer dizer que ele seja um vagabundo, ou mendigo, é disto que eles querem se defender, nos dizendo que ali existe dignidade, que a cada dia de trabalho há uma vitória, já que sua sobrevivência exige grandes esforços, e que existe dignidade em toda atividade que se exerça. Para a Sr^a. Milene de Soares existem trabalhos bem mais desagradáveis do que se mexer com o lixo: *“... Eu não acho que é nenhuma vergonha eu tá mexendo com lixo, é uma coisa desagradável como outro serviço, que eu acho que é ser coveiro, é uma coisa que é totalmente desagradável...”*.⁶¹

Por aí, vemos as “estratificações” no mundo do trabalho. Apesar das dificuldades enfrentadas na atividade de coletar material reciclável, por ser um trabalho desagradável

⁵⁹ Milene de Soares, depoente citada.

⁶⁰ Idem.

⁶¹ Idem.

e cansativo, ainda é preferível na opinião da Sr^a. Milene de Soares do que se trabalhar como coveiro, que em sua opinião é *“totalmente desagradável”*, atribuindo assim valor ao seu trabalho.

Quero abordar, ainda, a questão da moradia de alguns dos trabalhadores entrevistados, como é o caso da Sr^a. Milene de Soares e seu companheiro o Sr. Joécio, e o entrevistado conhecido por “Demorô” ⁶², quais não possuem casas para morar, e fazem do carrinho de mão sua moradia, os locais escolhidos para passarem as noites, os riscos e imprevistos.

A Sr^a. Milene de Soares juntamente com seu companheiro Joécio, mais conhecido por carioca, vieram de São Paulo e foram morar em um quarto de hotel nas proximidades da Rodoviária pagando R\$ 12,00 por dia. Como não estavam conseguindo pagar as despesas, resolveram morar dentro do carrinho de mão, que era emprestado pelo depósito onde eles entregavam o material. No entanto, este carrinho só é emprestado de segunda a quinta-feira, segundo a Sr^a. Milene de Soares o proprietário do depósito não deixa que fiquem com o carrinho nos dias de sexta-feira, sábado e domingo, porque ele não quer pesar o material nos finais de semana. Durante os dias da semana em que eles estão com o carrinho eles dormem em qualquer lugar. *“... A gente procura lugares que não tenha perigo, né. Costuma deixar ali perto do Fórum, onde tem aquelas barracas, ou num terreno baldio que tenha vizinhos...”* ⁶³

Como nos finais de semana eles não têm o carrinho para passarem a noite, eles por enquanto, dormem em uma casa abandonada que os vizinhos disseram que eles poderiam ficar quando estivessem sem o carrinho. Como eles não têm onde guardar seus pertences, como: colchão, cobertor e os materiais recicláveis que eles coletam durante o final de semana, então, eles deixam tudo dentro da casa abandonada.

“... Geralmente a gente carrega o colchão, mais como pesa, e a gente arrumô agora essa casa abandonada, a gente dorme no carrinho, depois guarda tudo, enrola os cobertor, guarda dentro da casa, e vai com o carrinho, à noite vem pega pôe tudo no carrinho de novo, porque a gente não pode dormir todo dia dentro da casa, porque senão eles roubam o carrinho, porque a casa não tem portão, e a gente põe o colchão dentro do carrinho e dorme os dois...” ⁶⁴.

⁶² “Demorô”, depoente citado.

⁶³ Milene de Soares, depoente citada.

⁶⁴ Idem.

Mesmo tendo autorização para dormirem dentro da casa, isso nem sempre é possível, visto que não podem deixar o carrinho no terreno, uma vez que o mesmo pode ser roubado.

Foi necessária a autorização dos vizinhos para poderem dormir em uma casa abandonada, cujas janelas estão com vidros quebrados, portas sem trancas, sem portão de entrada e em meio aos insetos, e ainda assim, agradecem por poderem ficar ali e guardarem seus poucos objetos. A Sr^a. Milene de Soares ainda nos relata que:

“... Os vizinhos falaram que a gente pode dormir na casa quando tiver sem o carrinho, porque a gente fica lá no terreno que num dá problema, num tem gritaria, que num é um monte de gente, que sou só eu e ele, porque geralmente anda muito carroceiro que fica na rua, que mora na rua e fica um monte de gente na carroça, bebendo, dá briga, essas coisa, aí a gente fica afastado pra evita isso...”.⁶⁵

A fala da entrevistada revela que a vizinhança não deixaria que eles ficassem na casa abandonada caso eles causassem algum tipo de incômodo, desconfiança, bebedeira, discussões.

Já nos dias de chuva e muito frio eles procuram outro lugar para passarem as noites, como posto de gasolina.

“... Teve um dia que deu muita cerração, foi muito forte, quando tá bem frio você nem vê o vidro do carro, fica molhado, aí eu coloquei um plástico, que a gente usa pra coloca as mala, eu coloquei por cima da cintura pra cima, as perna fico molhando, aí num durmi nada essa noite. Agora na sexta e sábado que eu fico na casa eu durmo, apesar que essa noite eu já num tô não, na outra noite que nois chegamo tinham roubado o nosso colchão...”.⁶⁶

É constante o caso de roubo entre esses sujeitos, não por morarem nas ruas, mas por não terem as mínimas condições de sobrevivência. Uma outra dificuldade que me chamou a atenção é a questão de se usar o banheiro, mesmo que no centro da cidade existam banheiros públicos, esses sujeitos por rodarem a cidade a pé, de bairro em bairro, nem sempre conseguem um banheiro que possam utilizar normalmente, como em um posto de gasolina, num bar, rodoviária. A Sr^a. Milene de Soares conta que:

⁶⁵ Milene de Soares, depoente citada.

⁶⁶ Idem.

*... Uma coisa terrível aqui, muito pior que em São Paulo, é que nenhum bar deixa a gente entrar pra ir no banheiro, a gente tem que ir num terreno baldio pra fazer xixi ou ..., não deixam você com o carrinho..., chega lá pedi pra ir no banheiro, não, não pode entra, falam que é só pra funcionário. Só tem um lugar que eu falo muito bem, que eu uso todo dia de manhã, que é um posto de gasolina lá do lado do mercado municipal, a moça é um amor, quando eu vou, ela fala: vê se tem papel... ”.*⁶⁷

Os diferentes modos de se relacionar na cidade estão explícitos em situações rotineiras, as quais eu não havia me atentado até então, atitudes que afetam diretamente a atividade que exercem e as relações que os coletores de material reciclável estabelecem com a cidade.

Trabalhadores como a Sr^a. Milene de Soares, por se tratar de ser mulher a situação ainda é mais complicada, uma vez que mulher necessita de ter um lugar mais reservado, e nem sempre é possível estar utilizando um banheiro, como ela mesma nos conta:

*“... pra mim que sou mulher, muito pior, o carioca abaixa a bermuda e encosta na carroça, e eu tenho que usa pãlô terrero, entra em terrero, agora eu vou fala uma coisa, como eu tô com diabete e eu não agüento, eu... não tem ninguém, eu encosto assim, ele fica do lado assim com o papelão, porque eu não agüento segura, comecei a segura tanto que tive uma infecção urinaria... ”.*⁶⁸

Portanto, dificuldades assim, encontradas por estes trabalhadores, ultrapassam as questões de convivência e sociabilidades. A Sr^a. Milene de Soares que mora nas ruas, nos conta algumas dessas dificuldades.

*“... Nossa essa noite eu acordei e levei um susto, porque não era pra ter vindo, porque eu tive outro dia... ai é foda, eu pensei que era xixi, num tava esperando, me pego desprevenida, né. Num tava no carrinho, a gente tava nessa casa, então, não tem água, ainda bem que tinha uma garrafa de água que os vizinho que cuida da casa dá pra gente, é complicado. Por isso que eu falo, acordamo cedo fui na rodoviária paguei R\$ 1,50 tomei um banho porque tinha que trocar de roupa... ”.*⁶⁹

Entre tantos complicadores, na opinião da Sr^a. Milene de Soares é difícil porque nem sempre é possível tomar banho, uma vez que eles tomam banho na rodoviária, e

⁶⁷ Milene de Soares, depoente citada.

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ Idem.

pra isso tem que pagar, além de problemas com roubo, que segundo ela se deixar às roupas no carrinho com certeza elas serão roubadas.

*“... É e ainda tem gente que rouba, se deixar roupa no carrinho, rouba no carrinho, e esse negócio de mulher é... a gente tava dormindo no carrinho e eu precisei ir no banheiro, olha pra você ver o ciúme dele, disse: “não, eu vou junto”. Fomos no posto de gasolina logo à frente e deixamos as coisas no carrinho, quando voltamos tinha sumido a mochila com todas as nossas roupas...”*⁷⁰

É comum ouvir casos de roubos entre moradores de rua, já que muitos dos coletores trabalham para manter o vício, seja drogas ou álcool e quando não conseguem ganhar o suficiente, roubam de outros catadores roupas, panelas, que serão trocados por cigarros, bebidas ou mesmo drogas.

Ser catador de material reciclável e ao mesmo tempo morador das ruas da cidade, é, fazer-se presente, ser sujeito na constituição das relações existentes na cidade. As diferentes trajetórias de vida, e as diversas formas de se coletar o material reciclável no espaço urbano, constitui o que esses trabalhadores têm em comum, as disputas pelo material com outros catadores, a rotina diária, a seleção do material, os conflitos e a exploração por parte dos compradores, enfim, o modo como esses trabalhadores imprimem sua presença na cidade é repleta de significados.

Discutir o processo de trabalho dos catadores e as diversas formas como organizam seu tempo, pode, num primeiro momento, parecer uma oposição à idéia de certa “autonomia e liberdade” mencionada por alguns trabalhadores nos depoimentos. A autonomia, para os coletores, tem a dimensão de “não ser mandado, amolado” no exercício do trabalho, são significados que os trabalhadores atribuem ao ofício que realizam.⁷¹

É preciso discutir as formas de apropriação do espaço urbano, como os vínculos existentes entre os colegas de trabalho e comerciantes, a solidariedade, a vivência na cidade e a necessidade da coleta seletiva serão questões discutidas a seguir.

⁷⁰ Milene de Soares, depoente citada.

⁷¹ COUTO, Ana Mágnia Silva. Ver p. 64.

Capítulo II

(Sobre) vivência na cidade

“Eu num gosto de celular, eu num gosto de computador, tudo que é magnético eu num gosto, mais sou obrigado a gostar, porque é um sistema imprestável. Olha o computador ele num se agüenta e o homem se entregou pra ele. O dia que o homem esquece de mexer na tecla da máquina, esta domado pela máquina, e o dia que a máquina virar um terror, será terror eternamente. Hoje a máquina é tão desumana, tão perversa, que hoje a mulher já num precisa ter um homem para ter um filho, a própria máquina já consegue fazer um filho na mulher. Olha pra você vê, só falta um dia os homem começa a ter filhos, eu acredito, eu agora acredito nas coisas”.⁷²

Adilson Olar da Silva

Neste capítulo, tenho por objetivo discutir o dia-a-dia dos catadores de materiais recicláveis, a convivência com outros sujeitos que compartilham do espaço da cidade, os vínculos de amizade, a solidariedade, e ainda a questão da coleta seletiva para a preservação do meio ambiente. Como se constituem os laços de amizade e confiança, entre esses trabalhadores, donas de casas e comerciantes da cidade.

Ao se estabelecer uma relação de amizade e confiança entre catadores de materiais recicláveis e a população, esses trabalhadores deixam de ser tratados com indiferença e receio, passando a fazer parte do meio com igualdade e respeito. Acerca das relações de confiança e respeito, entre catadores e comerciantes, o Sr. Henrique nos conta que:

*relações de
confiança*

“... Tem a padaria que eles guarda material pra mim lá no fundo, cartela de ovo, caixa de papelão, plástico que vem com refrigerante, que é o plástico mole, então, eles guarda pra mim lá, detergente, lata de óleo, cartela de ovo, eles guarda tudo pra mim. Deve tá sentindo a minha falta, porque eu chego lá, aí eu entro com o carrinho lá pra dentro da garagem, certo. Aí na sacaria de lixo, que eu sei que num tem coisa podre, só tem coisa da padaria mesmo, é lixo, mais só que funcionário num tem tempo de tá separano, aí eu mesmo separo o que é meu, e o que é lixo eu carrego e ponho lá de fora pra eles, pá hora que o caminhão passa. Depois que eu termino eu falo: oh, tá tudo prontim, deixo tudo limpin, e falo: oh! Tá pronto. Aí eu pego o controle vô lá fecho a garagem. Entro lá dentro tomo o

⁷² Adilson Olar da Silva, depoente citado.

*meu café, ele me dá, quando num tem cafezim ele vai lá pega uns três pacotim de rosca vai lá e me dá...".*⁷³

O trabalho é, sem dúvida, uma necessidade de sobrevivência, no caso do Sr. Henrique é na rua coletando seu material, e estabelecendo laços de amizade que ele consegue manter sua família, porque segundo ele, apenas o dinheiro adquirido com a venda do material não seria possível “*manter sua despesa*”, motivo pelo qual no momento ele está com maiores dificuldades, visto que, recupera de uma hepatite B, não podendo trabalhar, uma vez que os médicos pediram repouso absoluto durante dois meses, e uma dieta leve, com frutas e verduras. Ele nos conta que:

“... Tem a casa de carne que de vez em quando eu pego lá, porque num é só, porque num é só eu que pego lá. Quando eu num pego o material, eu pego a carne, eles me dá carne. Ai eu subo, ai eu subo pra cima, já passano pra cima da Avenida Segismundo, ai já passo numa fabrica de biscoito, lá eu já coeto os lito de óleo vazio, despejo no carrim, e ... já vô lá dento e pego o meu biscoito e subo pra cima. Pra cima eu vô coletano, (...) no sacolão, dá verdura pra gente, é por isso que eu tô com dificuldade aqui na minha dispensa, porque a minha manutenção de alimento literalmente eu faço mais é na rua mesmo. Aonde eu passo, o pessoal já me dá alguma coisa, e me dá açúcar, café, ou me da um óleo, num é que eu chego na pessoa e falo, é assim, se num tem um lito de óleo pra me da não. Não, o pessoal é que dá...”.⁷⁴

Essas são relações criadas ao longo do tempo, amizade, confiança, o depoimento do Sr. Henrique, traz elementos que possibilitam refletir, sobre como eles se sentem na relação estabelecida com a população, que os vê coletando material na rua. Uma relação por vezes marcada pela discriminação, indiferença e até mesmo pela agressão verbal, mas que em meio a tantos constrangimentos, eles conseguem estabelecer laços de amizade e solidariedade.

Acerca do trabalho no dia-a-dia, a maioria dos catadores entrevistados conta que começam a coletar bem de manhãzinha, visto que a maioria desses trabalhadores mora nas ruas, e tem como casas os carrinhos, que ficam estacionados em postos de gasolina ou viadutos, e estes trabalham o dia todo, inclusive uma parte da noite, que eles dizem ser melhor para encontrar o material, outros saem só pela manhã ou tarde, como é o caso do Sr. Fernando Lima.

⁷³ Henrique da Silva, 38 anos, casado, catador de material reciclável, entrevista realizada dia 24 de Julho de 2004.

⁷⁴ Henrique da Silva, depoente citado.

Sobre o morar nas ruas a Sr^a. Milene de Soares nos diz que:

*“... É muito difícil uma pessoa que trabalha com isso não morar na rua, olha eu acho que não é nem o aluguel, porque aqui o aluguel não é tão caro. As pessoas evitam alugar casa pra quem mexe com isso. Em São Paulo é mais assim, pensão que eles falam, um cortiço, eles também não gostam quando a pessoa é... todo mundo acha que quem mexe com carrinho é drogado, né, eles pensam isso”.*⁷⁵

Quando chegaram a Uberlândia a Sr^a. Milene de Soares e seu companheiro Joélcio morou em um Hotel, próximo a rodoviária, pagavam R\$ 12,00 reais pela diária, mas como estava difícil pagar a moradia e a alimentação, foi preciso que os dois fossem morar nas ruas, fazendo do carrinho-de-mão, sua ferramenta de trabalho, também sua casa.

A maioria dos trabalhadores não tem um roteiro fixo, apenas os trabalhadores que constituíram vínculos percorrem os mesmos bairros, para coletar o material nos comércios e casas. Outros percorrem diversos bairros durante o dia na busca pelo material.

É possível perceber a resistência por parte dos catadores em manter um roteiro fixo, o Sr. Adilson Olar, por exemplo:

*“... Eu não tenho ponto certo, qualquer ponto pra mim é ponto, porque muitos deles prometem né, guarda, mas quando vai lá num tem, né, outros mente, né, outros me para na rua, né. Mas eu sou o meu veneno, eu prefiro catá na rua do que humilha nos pé dos homens”.*⁷⁶

O que o Sr. Adilson Olar chama de “ponto” seriam os comércios e casas, onde se guardariam o material reciclável para ele, mas pela tonalidade de sua voz é muito provável que ele em algum momento, se sentiu ofendido nessa relação catador/comerciante/donas de casa, preferindo, então, coletar na rua, de lixo em lixo, ao invés de “humilha nos pé dos homens”.

Na opinião da Sr^a. Milene de Soares, que veio da cidade de São Paulo há pouco tempo, é mais difícil construir esses laços de amizade, já que os comerciantes e mesmo donas de casa preferem guardar o material para coletores que eles já conhecem e que são da cidade de Uberlândia, e com isso é preciso que ela e seu companheiro Joélcio

⁷⁵ Milene de Soares, depoente citada.

⁷⁶ Adilson Olar da Silva, depoente citado.

circulem por mais lugares na busca do material reciclável, abrindo sacolas de lixo e mexendo no lixo.

Sobre o percurso desses sujeitos na busca pelo material reciclável na cidade, a Sr^a. Milene de Soares diz que:

*“... Você anda a cidade inteira, a gente anda no centro, no Marta Helena, lá no Umuarama, principalmente porque a gente num é daqui, como o pessoal que já tá aqui há mais tempo, ele tem lugares que já guardam as coisas, é oficina, bar, nós não, a gente é abrindo saco de lixo, oh, é abrindo saco de lixo e mexendo no lixo. Tem muita gente que puxa o carrinho, mas não faz isso, porque já têm os lugar que guarda os papelão, as lojas que guardam os papelões, essas coisas”.*⁷⁷

No depoimento da Sr^a. Milene de Soares é possível perceber as dificuldades encontradas, porque não possuem um “ponto”, precisando percorrer os mais diferentes bairros da cidade, e às vezes não encontram quase nada. São batalhas que esses trabalhadores travam diariamente na busca pela sobrevivência, sem falar no desgaste físico que esse percurso provoca no sujeito.

Para a Sr^a. Milene de Soares o coletar material reciclável nas ruas da cidade é mais fácil pra quem é da cidade, ou mesmo para aquelas que coletam o material nos mesmos locais, criando então, vínculos de amizade e solidariedade com a população. Mas na sua entrevista a Sr^a. Milene de Soares nos conta que:

*“... A gente tem até algumas casas das pessoas que guardam as garrafas separadas já no lixo pra gente, porque vê a gente toda terça-feira no Marta Helena que nós vamos, então, tem essas pessoas que já guardam pra gente, são pessoas boas, se vê a gente chegá elas já trazem café, pão. Vê a gente, chama, agora mesmo que a gente tava vindo pra cá, eu peguei duas latinhas que eu achei no chão, a moça pegou e falou assim: vocês juntam, ah, vocês num querem pegar, tem dois sacão de garrafa de refrigerante, eu falei: agora num dá a gente tá indo lá na feira. Ela falou: mais eu guardo, pode passar na volta, aí nós achamo uma caixa com garrafa, aí o carioca voltou, pediu pra ela, ela ainda guardou outras coisas na casa dela pra nós...”*⁷⁸

Percebe-se, então, que as relações de solidariedade e amizade são construídas no dia-a-dia e nas relações estabelecidas com outros sujeitos que também utilizam a cidade, e que de certa forma se sensibilizam com o trabalho árduo desses sujeitos, que buscam

⁷⁷ Milene de Soares, depoente citada.

⁷⁸ Idem.

no lixo sua sobrevivência. Portanto, as relações estabelecidas com outros sujeitos são elementos significativos para compreender como cada um vivencia uma experiência social comum.

Ao falar de sua rotina diária de trabalho, a Sr^a. Milene de Soares nos revela que seu dia-a-dia consiste em passar o dia inteiro e parte da noite em busca do material reciclável, permanecendo nas ruas o tempo todo, mesmo porque, é nas ruas que a Sr^a. Milene de Soares e seu companheiro Joécio vivem.

Durante a semana, de segunda a quinta-feira, eles dormem dentro do carrinho, que é emprestado pelo galpão onde eles entregam o material, e de sexta-feira a domingo, eles dormem em uma casa abandonada, com autorização dos vizinhos, que permitiram que eles ficassem na casa.

“... Como a gente não tá com o carrinho nos finais de semana, tem uma casa abandonada que os vizinhos falaram que a gente pode dormir na casa quando tiver sem o carrinho, porque a gente fica lá no terreno que num dá problema, num tem gritaria, que num é um monte de gente, que sou só eu e ele, porque geralmente anda muito carroceiro que fica na rua, que mora na rua e fica um monte de gente na carroça, bebendo, da briga, essas coisa, aí a gente fica afastado pra evitar isso”.⁷⁹

*repetido
nota
de
m. 65
p. 36
L.*

Foi a partir das relações criadas com esses sujeitos “os vizinhos” que houve a possibilidade de utilização do imóvel, que mesmo estando desocupado era constantemente monitorado pela vizinhança, que não permitia que carroceiros utilizassem o terreno, uma vez que estes eram considerados pela vizinhança como baderneiros “fica um monte de gente na carroça, bebendo, da briga”, que atrapalhavam o “sossego” da rua.

Muitas pessoas doam o material por pena, no caso da Sr^a. Milene de Soares, ela nos conta que, não pedia material nos bares e oficinas por ter vergonha, mas que em determinado momento de muita necessidade ela resolveu pedir sucata numa oficina:

“... Fui lá pedi, hoje toda terça-feira esse senhor guarda pra mim, é 35, 40 quilos de sucata. Mas é só pra mim, e agora pro carioca, porque ele sabe que é meu marido, num dá pra mais ninguém, nunca deu, todo mundo fala: eu não acredito que vocês conseguem. Ele ficou com pena de pedir, falei moço: o senhor num

⁷⁹ Milene de Soares, depoente citada.

*pode dar, eu cheguei de São Paulo, ele ficou com pena por eu ser mulher...".*⁸⁰

O fato de ser mulher, e morar nas ruas, pode ser considerado como fator determinante para se conseguir ajuda. No caso da Sr^a. Milene de Soares, em especial o caso do senhor da oficina, que nunca havia doado sucata para nenhum catador, o que surpreendeu até mesmo os próprios colegas, foi determinante.

Visto como ocorrem os vínculos amizade e solidariedade entre os catadores, empresários e comerciantes, interessa-me agora, discutir a vivência desses sujeitos na cidade, como eles imprimem sua presença no espaço urbano, a partir de seus relatos.

As formas como esses trabalhadores descrevem a cidade de Uberlândia é um misto de decepção e expectativas. Decepção porque vieram em busca de melhores oportunidades de trabalho e se depararam com o desemprego, já que não tinham a qualificação exigida pelo mercado de trabalho, sendo necessário recorrer à catação do material reciclável para prover sua própria subsistência; expectativas existem como o Sr. Fernando Lima, disse que ainda espera "*conseguir um servicim bão*", mesmo que sua realidade seja difícil ele sonha com melhores condições de vida na cidade de Uberlândia.

Michel de Certeau fala a respeito de um "olhar totalizante" em realizações sobre a cidade, mas a visão dos trabalhadores é muito localizada, uma relação profundamente imbricada da experiência vivida. Elementos como a solidariedade, a caridade (só aparecem na fala dos catadores de papel porque são sentimentos experimentados concretamente. É necessário discutir os valores que perpassam por essas relações e a cidade como "*um lugar de transformações e apropriações*"⁸¹.

O Sr. Adilson Olar que saiu de casa com 17 anos de idade, e que não tem morada fixa, fala das suas impressões acerca da cidade de Uberlândia, diz o seguinte: "*ah, eu espero que eu consiga alguma coisa, tô lutando, né, agora vai depende também da minha força de vontade, encara a realidade, e assim, né*". Quando ele fala "*vai depende também da minha força de vontade*", o que seria essa força de vontade? No que ele está pensando? Talvez no reconhecimento de seu trabalho, na valorização da atividade desempenhada por ele?

⁸⁰ Milene de Soares, depoente citada.

⁸¹ CERTEAU, Michel de. **Andando na cidade**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Cidade, nº 23, Rio de Janeiro: IPHAN, 1994. p. 21-31. Apud: COUTO, Ana Mágnia Silva. p. 88.

Apud -
1 x

Como o Sr. Adilson Olar já morou em vários estados brasileiros, aos quais ele faz comparações, onde a vida talvez fosse mais difícil, e agora em Uberlândia, pode ser que ele acredite que aqui será possível a realização de algum sonho seu, como, por exemplo, escrever e publicar um livro de poesias, e por isso atribui à cidade como sendo boa.

Mas como a cidade é um espaço de conflitos e disputas, marcados pelo desemprego, pela falta de moradia e violência, é possível discutir como esses trabalhadores lidam com essas relações. Sempre que falamos em violência associamos esta aos marginais, moradores de rua, drogados, mas os problemas decorrentes da violência nem sempre partem das classes marginalizadas, mas também esses moradores de rua, catadores de materiais recicláveis também lidam com a violência no seu dia-a-dia, nos diversos lugares por onde circulam a violência está nas ruas, percebida no trânsito, nas agressões verbais.

Uma das alternativas seria reforçar o policiamento, porém, nesse momento esquecemos que a polícia muitas das vezes é causadora da violência.

A polícia, como um dos recursos do poder público para intimidar e tentar exercer um controle sob os trabalhadores, historicamente não é novidade ⁸².

O Sr. Adilson Olar nos relata um acontecimento que segundo ele foi um preconceito racial:

“... Olha me aconteceu uma coisa muito triste, eu fiquei aborrecido, tô chateado até hoje, outro dia eu tava na (Avenida) João Pinheiro, embarquei no ônibus, 121(ônibus que faz a linha do Bairro Luizote de Freitas), no sentido ao terminal, né, pra depois embarca num ônibus sentido (bairro) Tocantins, sabe o que aconteceu? Quando eu entrei dentro do terminal, eu acho que quando eu embarquei no ônibus lá na Avenida João Pinheiro, eu já fui discriminado, parece que eu entrei no ônibus como um suspeito. Quando eu embarquei no ônibus do Tocantins, tinha dois cobradores perto do cobrador, que já tinha largado o serviço, falo assim: é hoje a polícia ta pegano pessoas que vai pro Tocantins, ali no bairro, né. Só que o que aconteceu? Eu já senti que ia acontecer alguma coisa comigo, quando eu tava chegando perto de... do bairro Guarani, aí abriro a porta do ônibus, entraro aqueles três policiais, já foi mandano eu tirá as minhas coisa, jogá no chão, com uma falta de respeito, o cobradô e o motorista num deu bola pra mim, eu tive que pegá minhas coisa, quase que eu fico sem ropa, quase que eu fico nu lá, e eu seno que eu trabalho todos os dia, eu tava dento daquele ônibus todos os dia, pra mim foi uma falta de respeito, pra começa ninguém foi a meu favor, isso que eu achei uma falta de respeito, e só

⁸² COUTO, Ana Mágnã Silva, p. 94.

*eu fui abordado. Pra mim ali foi um preconceito racial, ninguém deu a mínima".*⁸³

A polícia, nesse caso, agiu com falta de respeito e ética, como percebemos no relato do Sr. Adilson Olar, que foi julgado preliminarmente por ser um cidadão com poucas condições financeiras, por estar sujo, devido ao seu trabalho e ser negro, o que o levou a acreditar que estava sofrendo um preconceito racial, mesmo porque nenhum dos cidadãos que ocupavam o mesmo ônibus que ele naquele momento, foi a seu favor, nem mesmo o motorista e o cobrador que trabalham na linha do ônibus 121, o qual o Sr. Adilson Olar diz utilizar todos os dias, o defenderam, ao contrário, o alertaram, dizendo: *"é hoje a polícia ta pegano pessoas que vai pro Tocantins, ali no bairro"*. Esse episódio relatado pelo entrevistado revela que pessoas que moram nas ruas e trabalham com o lixo, são tidas como marginais, e não como trabalhadores *"eu trabalho todos os dia"*, ficando claro que o coletar material reciclável não é uma atividade reconhecida no campo do trabalho.

A violência é percebida no cotidiano desses trabalhadores, assim como o Sr. Adilson Olar, o Sr. Joélcio, companheiro da Sr^a. Milene de Soares também já passou por uma situação parecida, sobre este acontecimento a Sr^a. Milene de Soares nos diz:

*"... Na rodoviária tem polícia, que pegaro outro dia o carioca porque ele tava dentro da rodoviária, ele ia toma banho e tinha um cara que morava no hotel que conhece a gente e chamou ele, oh carioca, vem aqui toma uma cerveja, ele tava tomando a cerveja, a polícia mandou ele sair de dentro da rodoviária, ele falou: mais porque? Eles perguntaram onde que você mora? Ele falou: moro a onde não mora ninguém. Eu também falaria, porque ele tava se sentindo humilhado. Ele tava sentado tomando uma cerveja, porque que ele tem que sair, porque ele ta sujo? A polícia ainda levou ele pra fora, bateu nele, levaro ele pra delegacia, e ainda tomara todo o dinheiro que ele tinha vendido a carga, tava com R\$ 24,00 reais, tomara todo o dinheiro dele, pra você vê, porque ele tava tomando uma cerveja sujo, mais se a pessoa que chamo não ligo, por que conhecia, é gente do hotel, sabe que é um cara trabalhador, num é vagabundo nem nada, o cara convido, oh, vem aqui toma uma cerveja, pra você vê como até a polícia tem preconceito".*⁸⁴

Quando a Sr^a. Milene de Soares pergunta a seu companheiro Joélcio porque eles o prenderam, ele diz que: *"eles só falaro que lugá de vagabundo é aqui, me deixaro numa*

⁸³ Adilson Olar da Silva, depoente citado.

⁸⁴ Milene de Soares, depoente citada.

salinha... eu deitei e me encolhi e dormi, depois chegaro me deram um chute e disse: vai embora, vai vagabundo”.

O poder público tenta a todo custo “camuflar” a pobreza, reprimindo a presença desses trabalhadores nos locais públicos, por os considerarem como vagabundos e baderneiros, não vendo na atividade de catação de material reciclável, um trabalho digno. Mas ainda assim, esses sujeitos impõem sua presença no espaço urbano, como nas praças, na rodoviária, nos viadutos, enfim.

A violência também está associada ao desemprego, à fome, à miséria e ao abandono social, mas a associação feita, principalmente por alguns meios de comunicação, entre pobreza e violência é ideológica e tem por objetivo desmoralizar os trabalhadores e despolitizar a questão, no que tange ao seu caráter de extrema desigualdade social⁸⁵.

Muitas pessoas consideram os catadores de materiais recicláveis como vagabundos, como se esses sujeitos tivessem escolhido catar lixo nas ruas para sobreviver, não percebendo que este é um problema social, causado pelo desemprego, pela desigualdade social, e que esta é uma atividade tão digna de respeito quanto qualquer outra.

A Sr^a. Milene de Soares ainda nos relata:

*repetido por 34
nota 60*

*“... Pra você vê a situação difícil que a gente fica, e trabalhando, não é que é vagabundo, e todo mundo acha que quem puxa carrinho é vagabundo. Não, tem gente que fala assim, a gente vai pedir um poquinho de água pra gente, daí fala: porque vocês num trabalham. Olha, é a idéia, então, eu to fazendo o quê? Mais isso é culpa do próprio carrinheiro, meu, porque eles são relaxado... o pessoal fica com preguiça e não abrem o saco de lixo, eles rasgam, rasga, aí a pessoa começa a não por mais de raiva, entendeu”.*⁸⁶

Já as impressões acerca da cidade de Uberlândia para o Sr. Leontino⁸⁷, que já morou e trabalhou em outros estados como São Paulo, iniciou a atividade de coletar material reciclável depois de algum tempo estabelecido na cidade. Trabalhando com

⁸⁵ COUTO, Ana Mágnã Silva. Ver p. 96

⁸⁶ Milene de Soares, depoente citada.

⁸⁷ Leontino, 56 anos, entrevista realizada em 2005 com muita dificuldade de comunicação. Somente ao final da entrevista é que eu fui perceber que o entrevistado tinha problemas de audição, e por isso, não me respondia as perguntas, além da dificuldade encontrada por mim, devido ao problema de audição do entrevistado, o mesmo ainda se encontrava alcoolizado. No dia da entrevista, o Sr. Leontino me pede desculpas por ter tomado “umas cachaça”. A entrevista foi realizada em sua casa localizada no bairro Morumbi, e na sala onde realizamos a entrevista estava um dos filhos do Sr. Leontino que aparentemente estava drogado e assistia televisão com um volume de som muito alto. Dificultando ainda mais a entrevista.

48, tem nota explicativa

venda de carnês do Silvio Santos e cartelas de entidades como a AMPARO e Associação do Câncer, o Sr. Leontino foi preso em Uberlândia por falsificação e estelionato, ainda cumpre pena em regime aberto, e esse é um dos motivos que levou o Sr. Leontino a trabalhar com o material reciclável.

“... Eu to vendendo sucata, pega os material a gente vende, mais num dá, por muito grande que seja o carrinho, ocê pega ali R\$ 15,00 reais, R\$ 10,00 reais, eu tô acostumado a ganha R\$ 20,00 reais, R\$ 50,00 reais. Como vendedô eu ganhava R\$ 50,00 por dia, com sucata da proce ganha, mais, mais tem que trabaiá muito, muito suado, o carrinho é muito pesado pra puxa, é muito suado, mais é a única coisa”.⁸⁸

Acostumado a ter uma renda boa com a venda de carnês e cartelas da sorte, o Sr. Leontino se sente um quanto que “desperdiçado” na atividade de catador de material reciclável.

“... Eu trabaio puxano o carrinho com luva, porque eu num quero sujá minha mão, porque eu acho que eu sei faze coisa melhor, eu fiz curso de foto, eu sô fotógrafo, cê ta entendeno? Eu sô motorista, ta entendeno? Eu sô chefe de equipe, eu sei faze, eu sei dialogá com as pessoa, subo num palco eu sei faze palestra pras pessoa, cê ta entendeno? Entendeu? Eu tenho muitas palavra que eu escrevo, pro ce vê e eu num tenho estudo suficiente, cê entendeu?”.⁸⁹

Esse catador de material reciclável diferencia-se do grupo de trabalhadores entrevistados, uma vez que ele não se percebe na atividade, é como que catar material reciclável nas ruas da cidade para o Sr. Leontino o “inferiorizasse”, o “ferisse” internamente, tornando-se uma agressão a sua pessoa. Quando ele diz que: “*eu fiz curso de foto, eu sô fotógrafo*” ele quer se afirmar enquanto um cidadão que tem sua profissão, que coletar material reciclável é apenas um trabalho temporário, um bico. É interessante observar o Sr. Leontino durante seu trajeto, ele sempre está muito elegante, e limpo, usando camisa, geralmente pólo, algumas de marca, calça e sapato social, sendo que, o material recolhido pelo Sr. Leontino são caixas de papelão, alumínio, e algumas vezes alguns objetos “de valor”. Como o lixo associa-se a sujeira, esse trabalhador define o material coletado por ele, não sendo considerado por isso enquanto lixo, mas, material reciclável.

⁸⁸ Leontino, depoente citado.

⁸⁹ Idem.

O Sr. Leontino, nos conta que encontra no lixo diversos objetos, alguns até em bom estado.

*“... Se você vê as coisa que a gente acha no lixo, por isso que eu falo pra você, é umas coisa tão rica, que eu acho, que o Brasil é tão rico, tão rico que o povo num dá aproveitamento, o que eu acho no lixo ai filha, os cara joga no lixo, minha nossa, as coisa que a gente acha no lixo, umas coisa que eu vejo, sei lá eu num sei porque que eles joga no lixo, eu não sei, francamente eu não sei porque, eu queria sabe o porque, mais eu num sei, eu acho que eles brigam, os cara briga lá e joga as coisa fora, já achei óculos, relógio, igual esse óculos, deve custa uns dez, quinze conto, entendeu? Ta no lixo, cara joga no lixo...”*⁹⁰

Muitos catadores encontram além de objetos úteis no lixo, o seu alimento. São sujeitos trabalhando em condições extremamente adversas e de alto risco, uma vez que seu trabalho é realizado em condições de extrema insalubridade, o que propicia problemas dos mais variados tipos, como a questão de doenças, drogas, prostituição, violência, onde o único denominador comum é a ausência de perspectivas.

Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa* trabalha o ensinar com alegria e esperança, do aprender, do produzir e igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. Em determinado momento ele nos conta sobre sua visita em Olinda, que ao caminhar pelas trilhas de uma favela onde cedo se aprende que só a custo de muita teimosia se consegue tecer a vida com sua quase ausência – ou negação -, com carência, com ameaça, com desespero, com ofensa e dor.

*“... Para além dos mocambos, havia algo pior: um depósito de lixo público, onde os moradores de toda a redondeza “pesquisam” no lixo o que comer, o que vestir, o que os mantenha vivos. Foi desse horrendo aterro, que há dois anos, uma família retirou de lixo hospitalar pedaços de seio amputado com que preparou seu almoço domingueiro...”*⁹¹

“A realidade é assim mesmo” seria o discurso universal⁹², mas a história desses sujeitos de Olinda, como a história dos catadores de materiais recicláveis de Uberlândia e de tantos outros trabalhadores pode ser outra, mas para isso é necessário

⁹⁰ Leontino, depoente citado.

⁹¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa*. 23ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996 – Coleção Leitura. Editora Paz e Terra S/A. p. 82-83.

⁹² Idem, p. 84.

comprometimento, tanto por parte da sociedade quanto por parte de órgãos públicos federais, estaduais e municipais.

Existe em meio a essa atividade uma hierarquia, sendo possível perceber tanto na entrevista realizada com o Sr. Leontino quanto na entrevista realizada com a Sr.^a Milene de Soares, a primeira por não se sujeitar a coletar o material com as mãos sem a utilização de luvas, e por não se perceber enquanto um catador. A segunda porque a entrevistada, a Sr.^a Milene de Soares é considerada pelos colegas de profissão como “fresquinha e filhinha do papai”.

“... Eu não tomava pinga, comecei na rua, mais é muito difícil eu tomar pinga pura, eu tomo misturada com guaraná, e todo mundo ri, fala: é a Milene é fresquinha, filhinha do papai, todo mundo fala, eu dentro do mundo do carrinho o pessoal me acha muito ‘elite’, mais eu trato todo mundo bem, até mais que o carioca, precisa ver que ninguém se conforma com essa história minha de creme de cabelo e sabonete, sabe, o carioca também, ele passa sabão antes, pra tirar aquele óleo, mas ele depois passa o sabonete, todo mundo fica, ah, o carioca tá cherosinho, o carioca gosta de desodorante, eu também, a gente gosta, nenhum deles usam, você pra escova o dente, tem gente que fica 3, 4, 5 dias sem escova, eu e o carioca não... a gente tem a sacolinha com a escova, acabou de comê, pega água, não tem importância, vai na rua mesmo. O dinheiro que a gente pega, a gente chega compra um xampu, um sabonete, uma pasta de dente, todo mundo dá risada da gente por isso, ah, nunca vi carrinheiro toma banho de sabonete, passa creme no cabelo, eles tomam banho com sabão de lava roupa, não tão nem aí, eu não, eu tomo banho com sabonete, eu uso xampu, eu uso creme, e o carioca também, a gente passa creme na pele pra num fica ressecada e tudo, então a gente já tem esse gasto que os outros já não têm...”⁹³

A fala da Sr.^a Milene de Soares é muito significativa “eu dentro do mundo do carrinho o pessoal me acha muito elite”, esses sujeitos tomam como ponto hierarquizante o fato de se tomar banho quase todos os dias com sabonete, usar creme nos cabelos e pele e tomar pinga com guaraná, hábitos aos quais a entrevistada não conseguiu abandonar, preferindo trocar uma refeição por um banho. Enquanto para outros sujeitos, isto é visto como algo desnecessário, uma vez que eles vão lidar o tempo todo com o lixo. Essas são relações estabelecidas quotidianamente, aonde esses sujeitos vão construindo novas formas de se relacionar na cidade.

Segundo Ana Magna Couto, não podemos pensar nos catadores de material reciclável enquanto vítimas, o que interessa é compreender de que forma, esses

⁹³ Milene de Soares, depoente citada.

trabalhadores, como sujeitos inseridos numa determinada realidade, percebem, vivenciam e experimentam a violência.

O desemprego, a dificuldade em sobreviver na cidade ganhando muito pouco, o desrespeito ao migrante que vem para a cidade iludido com a possibilidade de melhoria das condições de vida, são elementos para perceber a constituição de sujeitos em constantes disputas por um espaço e pelo direito à vida, ao trabalho e à dignidade⁹⁴.

Muito se discute sobre a importância da reciclagem do lixo, como a criação de cooperativas e associações, visto que a triagem de materiais recicláveis é uma atividade profissional importante para a economia brasileira e a implantação da coleta seletiva em parceria com os catadores é uma alternativa de trabalho e renda para esses sujeitos. Porém, para a criação de cooperativas, e para que a coleta seletiva aconteça de forma positiva, é necessário que esses trabalhadores estejam interessados.

É possível perceber por parte de alguns catadores de material reciclável, certa resistência em relação a associações e cooperativas, dentre os catadores entrevistados por mim, nenhum deles tem interesse em participar de associações. Na entrevista realizada com o Sr. Henrique, ele diz que associação só dá certo “*pra peixe grande*”, porque ele já havia sido convidado a participar de uma associação, chegando até a se inscrever, mas não deu certo.

*“... Eu fiz uma ficha numa cooperativa aí, acho que num deu em nada, porque o cara até hoje num ... era um cara que tava andando aí, de carro aí, colhe o nome de catador pra formar uma equipe de catado, pra ele montar uma Associação. Mais eu acho que num deu certo não. Esses dias atrás aí, eu encontrei com outro rapaz, aí, com esse projeto de Associação aí, mas como já tinha dado errado nessa daqui, que eu dei o meu nome, eu pensei comigo, há que sabe duma coisa, num vô mexe com esse negócio de Associação não, vô continua trabalhando do meu jeito, porque se eu for trabalhar com Associação, eles vão querer é ... pô funcionário, cheio de política, então funcionário meu é minha irmã e minha esposa. Eu tenho a impressão que esse negócio de Associação dá certo assim, igual o Butelão, tem a Associação deles, né, dá certo, né, porque já é peixe grande...”*⁹⁵

Uma das formas de resistência presentes na fala do Sr. Henrique são em relação à contratação de funcionários, analisando a fala do entrevistado, é melhor continuar trabalhando com a irmã e a esposa, juntando seu material em casa mesmo e trabalhando

⁹⁴ COUTO, Ana Mágnia Silva. Ver p. 09

⁹⁵ Henrique da Silva, depoente citado.

de segunda-feira a sábado, “*no sábado até trabalho um poquim, porque no sábado é dia de entregá o material*”, porque, de certa forma, ao trabalhar com a irmã e a esposa, o Sr. Henrique se sente como patrão, uma vez que é ele que determina os locais e horários de coletar e vender o material, na maioria das vezes os vínculos de amizade são criados a partir dele, e se estendem até as companheiras.

Na opinião da Sr^a. Milene de Soares que esta na cidade há pouco tempo, quando lhe pergunto se existe interesse em estar trabalhando com cooperativas de catadores, ela diz o seguinte: “*o pessoal que a gente conhece falou que é a maior roubada, é porque você não vai ganha à mesma coisa, e eu acho que o certo é cada um ganha o que trabalha*”. A resistência desses sujeitos em não participarem de associações e cooperativas, é baseada na falta de autonomia, e por isso muitos preferem trabalhar individualmente ou com ajuda de parentes, como é o caso do Sr. Henrique que trabalha com mulher e a irmã.

Essa resistência por parte dos catadores de materiais recicláveis em participar de cooperativas, pode ser por desconfiança em relação aos administradores ou funcionários, uma vez que eles presenciam e até participam da exploração por parte de funcionários de galpões de compra de material reciclável, pessoas desonestas que ganham dinheiro em cima do trabalho árduo desses sujeitos, e eu digo e afirmo isto, pelo simples fato de tê-lo presenciado durante meu trabalho de campo, realizado junto ao entrevistado Demorô, onde o funcionário do galpão onde entregamos o material pesou o papelão acima do peso correto, o que já estava previamente combinado com o catador, ou seja, super-faturou o material e com o consentimento do catador recebeu parte do pagamento. E por isso as cooperativas e associações de catadores dos quais entrevistei, não têm credibilidade, principalmente no momento da pesagem do material, uma vez que a balança pode ser facilmente manipulada conforme os interesses de cada um.

Para além da questão social é preciso pensar na questão da degradação sócio-ambiental, e os trabalhadores participam do discurso sobre a importância da reciclagem e da necessidade de preservação do meio ambiente, participando do processo enquanto sujeitos.

Em 2003, formou-se uma cooperativa de coletores de material reciclável em Uberlândia, apoiada pela Prefeitura Municipal da cidade e o INDERC (Instituto de Desenvolvimento Regional do Centro de Indústrias do Triângulo Mineiro) denominada por “Coleta Solidária”, onde se previa uma destinação correta para os resíduos

descartados pela população, evitando assim, que se polua o meio ambiente, onde o projeto de coleta seletiva previa ainda, a inclusão das pessoas que trabalham com papel e demais produtos na cidade, estima-se que eles sejam cerca de dois mil ⁹⁶. Mas a cooperativa (CORU) ⁹⁷ não se sustentou por muito tempo. Em entrevista realizada na Prefeitura Municipal de Uberlândia com o Sr. Mauro Rodrigues Pinto⁹⁸, a cooperativa fechou devido à quantidade de reclamações por parte dos próprios coletores, que procuravam a prefeitura para reclamar da má administração e reivindicando mudanças na atual administração, uma vez que esta era administrada pelo então Presidente o Sr. Francisco Ferreira, juntamente com sua esposa e um cunhado, o que causava desconfiança por parte dos catadores. Segundo o Sr. Mauro Rodrigues, a Prefeitura propôs ao Sr. Francisco Ferreira uma mudança na administração e a revisão dos objetivos da CORU, a fim de amenizar os conflitos ocorridos entre os catadores e os administradores. Mas esta proposta foi recusada pelo então presidente Sr. Francisco Ferreira. Frente a isso, a Prefeitura Municipal reivindicou o galpão e os equipamentos ganhados, como um computador doado pela Engeset, e uma máquina de prensar, mas estes equipamentos não foram devolvidos.

Hoje a Prefeitura Municipal, segundo o Sr. Mauro Rodrigues Pinto, tem como objetivo a criação de uma nova cooperativa, com projetos de educação ambiental, planejamento familiar, creche de apoio aos catadores, inclusão dos filhos desses trabalhadores nas escolas, onde o desafio dessa nova cooperativa é criar uma estrutura muito forte e bem administrada, a fim de não se perder o interesse pelo projeto.

Com a coleta seletiva, surgiu uma forma diferenciada de recolhimento dos resíduos sólidos urbanos, cuja separação dos materiais recicláveis do lixo orgânico permite a agregação de valor e estimula novos empreendimentos no setor tornando-o um dos promissores do mercado de reciclagem.

É sabido que existem projetos sobre a coleta seletiva em todo o país, assim como existem diversos projetos de inclusão dos catadores de lixo em cooperativas e associações, os quais dão resultados positivos, apesar da resistência de alguns catadores. No caso dos catadores de lixo, moradores de Cidade Nova, em Natal-RN, que participam do Programa de Coleta Seletiva, eles se dizem contentes com a nova atividade, esses catadores passaram por um curso de capacitação de uma semana,

⁹⁶ Jornal Correio de Uberlândia, 11 de Dezembro de 2003.

⁹⁷ CORU – Cooperativa de Reciclagem de Uberlândia.

⁹⁸ Mauro Rodrigues Pinto, tecnólogo em cooperativismo da Prefeitura Municipal de Uberlândia, entrevista realizada em 10 de Outubro de 2006.

receberam uniformes, o carrinho padronizado para o recolhimento do lixo, crachá e um salário quinzenal que varia de acordo com a quantidade de lixo recolhida. O rendimento quinzenal é de pouco mais de R\$ 100,00 reais, menos do que eles ganhavam quando trabalhavam no lixão, mesmo assim os ex-catadores são unânimes em afirmar que a mudança valeu a pena. *“Antes éramos tratados como bichos, hoje somos seres humanos e temos uma vida digna”*, resumiu o ex-catador Francisco das Chagas Dantas Silva que hoje recolhe material reciclável no bairro Neópolis. Ele trabalhou no lixão de Cidade Nova por dezoito anos e lembra, sem nenhuma saudade, do tempo em que disputava restos em uma atividade degradante. *“Hoje eu sou bem tratado, antes eu não era ninguém”*.⁹⁹

A cada dia cresce o número de pessoas que tiram seu sustento e o da família inteira da coleta e reciclagem de materiais. Dona Geralda, 54 anos, conhece muito bem o que é uma vida inteira dedicada a esta profissão. Aos oito anos de idade, Geralda já estava nas ruas da capital mineira em busca de papel, papelão, plástico e o que pudesse recolher. *“Minha mãe veio do sertão com o sonho de ter uma vida melhor. Mas não foi bem assim. Ela perdeu a sua dignidade porque foi para as ruas. Começamos a passar fome”*, se recorda.

de onde saiu D. Geralda
 Geralda conta que, diversas vezes, passou dias e noites inteiras em busca de material, sem voltar para a sua casa, um pequeno barraco na periferia da cidade. Teve 12 filhos, sendo nove vivos, e todos, assim como ela, tornaram-se catadores desde cedo.

Ela se recorda do preconceito e da indiferença que teve que enfrentar diversas vezes na rua. *“Quando a gente estava lá separando o material, chegava à polícia e o fiscal tentando tomar o carrinho. Às vezes, chegava um caminhão pipa e molhava todos nós que estávamos em baixo do viaduto. Sofri muito. As pessoas menosprezam a gente”*. Mas, para Geralda, a partir de 1990, as coisas começaram a melhorar, principalmente quando teve início a formação das cooperativas. Os catadores passaram a ser valorizados e receber o apoio também do governo. *“Hoje mudou muito. Antes era lixo, agora a gente tem respeito”*.¹⁰⁰

Como a cidade veio crescendo e com isso seus problemas foram se agravando, a criação de cooperativas e associações resolveria parte de seus problemas, ora funcionando como auxílio aos catadores e ora colaborando com a prefeitura no controle do uso do espaço da cidade.

⁹⁹ www.setorreciclagem.com.br. Arquivo capturado dia 14 de Fevereiro de 2007.

¹⁰⁰ www.folha.uol.com.br. Arquivo capturado dia 14 de Fevereiro de 2007.

Esses trabalhadores experimentam essas relações de forma ambígua, em um primeiro momento as cooperativas são tidas enquanto apoio social e moral, e em um segundo momento em forma de controle e submissão, daí a resistência por parte de alguns catadores.

Protagonistas de um trabalho árduo e fundamental para a reciclagem, os catadores de lixo fazem um serviço silencioso e extremamente importante para a conservação do meio ambiente, mesmo que isto não esteja tão claro para eles.

Dentre os tantos problemas inerentes à catação de materiais recicláveis, é preciso pensar que este é um trabalho que exige dos catadores andar pelas ruas puxando o carrinho, onde muitas das vezes, esses trabalhadores quase não conseguem sustentar o peso. Como nem sempre é possível olhar para onde se pisa, ou o que está dentro das sacolas, geralmente ocorrem acidentes. Foi o que ocorreu com o Sr. Adilson Olar: *“Oto dia fui pega uma sucata dento de uma caçamba, entro um prego no meu pé, fiquei mais de três semana passano mal, trabalhano sem pode trabalha”*¹⁰¹. Foi necessário que o Sr. Adilson Olar procurasse atendimento na UAI, para tomar uma injeção antitetânica. A precariedade do trabalho, e a necessidade vista nesta atividade, onde mesmo não tendo condições de puxar ou empurrar o carrinho, esses trabalhadores têm que vencer além do cansaço físico a dor causada por acidentes de trabalho, os quais são frequentes.

O Sr. Adilson Olar trabalhou durante algum tempo andando e empurrando seu carrinho e arrastando o pé, quando estava se recuperando do acidente, foi atropelado por uma bicicleta, ele nos conta que: *“... quando eu tava quase terminano de sara, eu tava desceno ali na, no bairro Patrícia, uma bicicleta me pegô lá, me jogô no chão, machuquei a perna, chego até a rasga a calça”*¹⁰². Não só esses trabalhadores estão, mas todos nós estamos sujeitos de alguma forma a sofrer acidentes, como este caso da bicicleta, mas esses sujeitos atribuem à frequência desses acidentes a “falta de sorte”, acredito que pela constância em que ocorrem.

A Sr^a. Milene de Soares narra um fato curioso ocorrido com ela, segundo a entrevistada, tem pessoas que jogam objetos cortantes “meio que camuflados” entre os papelões, dentro dos latões de lixo, propositadamente, o que certamente ocasionaria em acidentes. No seu caso ela diz o seguinte:

“... quando você mexe no lixo, tem gente que fala, que joga um vidro, esse aqui (me mostra o corte na mão) foi nesse latão aqui que eu

¹⁰¹ Adilson Olar da Silva, depoente citado.

¹⁰² Idem.

cortei. O homem falou: olha moça, tem só papelão que eu acabei de por, quando eu enfiei a mão pra pegar, bem na caixa de papelão tinha uma garrafa de cerveja cortada, assim oh”.¹⁰³

Esses trabalhadores não lidam somente com a possibilidade de acidentes ocasionais, decorrentes da precariedade do trabalho, do cansaço físico, mas também, com a má intenção de pessoas que, por algum motivo não tenham simpatia por esses trabalhadores, procurando de alguma forma atingi-los, feri-los.

A maioria dos catadores de materiais recicláveis reclamam do atendimento oferecido nas UAIs, e com razão, uma vez que o atendimento dispensado nessas unidades não é feito com boa vontade. E no caso desses sujeitos, que geralmente chegam sujos, puxando o carrinho-de-mão e sem documentos, acredito ser ainda pior. A Sr^a. Milene de Soares nos conta que quando seu companheiro Joélcio machucou a mão, eles procuraram a UAI do Martins, e que por estarem sem documentos o atendimento foi péssimo. “... Foi péssimo, a mulher num queria nem atendê a gente, porque tava sem documento na hora, mais na hora que chegou tava sujo com as coisa, todo mundo ficou olhando assim, foi péssimo, tratou muito mal mesmo”¹⁰⁴.

Para a Sr^a. Milene de Soares, o atendimento dispensado a eles nas unidades das UAIs foi de péssima qualidade, como se eles estivessem invadindo um espaço ao qual eles não poderiam participar, como se este não fosse um espaço público.

Perceber o espaço público na expressão dos conflitos sociais, a partir do modo como os habitantes da cidade vivem, é apreender as diferenças sociais existentes no espaço urbano, em diferentes temporalidades, tendo como referências seus modos de (re) organização, permeadas pelas relações sociais destes sujeitos históricos.¹⁰⁵

Através das trajetórias desses sujeitos nos diversos espaços da cidade, compartilhadas ou não, conforme suas experiências, baseadas nas suas lembranças, a partir dos conflitos e tensões foi possível perceber como essa atividade marca a vida desses trabalhadores, que a todo custo imprimem sua presença na cidade.

Com a pesquisa acredito ter tentado ouvir e entender “aos seres da meia-luz”, onde puderam através de suas narrativas orais, expressarem parte de suas angústias, medos, expectativas, conforme a experiência de cada um.

¹⁰³ Milene de Soares, depoente citada.

¹⁰⁴ Idem.

¹⁰⁵ COSTA, Neila Lamonier. **Uma praça, numa cidade: desigualdades e diferenças no viver o espaço público**. Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia abril de 2006. p. 66.

Considerações Finais

Minha inquietação ao elaborar esta pesquisa, era como desenvolver uma reflexão que permitisse mostrar os catadores de materiais recicláveis, suas vivências e experiências enquanto cidadãos que participam da cidade, tendo como referências suas narrativas orais. Quando me propus a trabalhar com a história oral, tinha certeza que encontraria muitas dificuldades pela frente, mas na ânsia de discutir e entender mais sobre os modos de vida desses trabalhadores, suas lutas pela sobrevivência, as estratégias de trabalho, moradia e a convivência social, fez com que esta pesquisa, apesar das dificuldades encontradas, se tornasse prazerosa.

Discutir a diversidade das formas de viver o espaço urbano, a partir da vivência dos catadores de materiais recicláveis, possibilitou-me perceber o que é na verdade ser "pobre" na cidade, o que muito me surpreendeu, porque eu não tinha uma noção clara do que é sobreviver à margem da sociedade. Descobertas que muitas vezes me assustava, uma vez que a realidade vivida por esses sujeitos se mostra de forma agressiva, abusiva, como a indiferença, a exclusão, o temor, onde esses sujeitos algumas vezes são tidos como ameaça à sociedade, e foi a partir dessa pesquisa que novos horizontes se abriram para mim, ao ver e ouvir os seres da meia-luz.

Foi a partir do diálogo com as fontes orais que tive a possibilidade de me aproximar desses sujeitos, participar de alguma forma das suas histórias, e as novidades eram muitas durante as entrevistas, já que eu não esperava encontrar em meio a essa atividade trabalhadores tão sensíveis quanto o Sr. Adilson Olar, que, de alguma forma, me ensinou a ver o mundo com outros olhos, uma vez que ele próprio, sobrevivendo em condições tão precárias consegue ter uma visão poética do mundo. São narrativas que precisam ser analisadas e interpretadas, já que fazem parte do campo das memórias, podendo elas serem construídas de acordo com a realidade desejada por esses sujeitos em diferentes temporalidades.

Surpresa também, foi encontrar nessa atividade, sujeitos que tiveram uma sorte diferente na vida, como a Sr^a. Milene de Soares, filha de militar, com uma condição social e financeira boa, tendo a oportunidade de cursar até o terceiro ano da faculdade de Direito na cidade de Bragança Paulista, buscou no trabalho com o material reciclável o seu espaço, sua liberdade, pagando acredito eu, um preço alto, porque teve que abrir mão do seu filho Pedro, que hoje vive com uma tia. São surpreendentes histórias de

proposta em termos

*o hábito de ser um m. alguma coisa...
↓
o viver a margem da cidade*

surpresa

a escola de milene

vida, que muito tem a nos acrescentar, e que outras fontes, que não a história oral, não seriam capazes de nos apresentar, uma vez que a história oral ela nos fornece além da narrativa, elementos como, gestos, tom de voz, emoção, silêncios que muitas vezes nos dizem mais do que a própria fala.

A realidade vivida por muitos desses sujeitos, muitas das vezes nos deixam sem reação, por não sabermos como lidar com tantas necessidades, são sujeitos desprovidos de todos os bens necessários para a sobrevivência de uma pessoa, que buscam nos restos da cidade, algo que possa lhe servir, ou lhe render algum dinheiro para sua subsistência.

Cada entrevistado contribuiu de forma singular nesta pesquisa. Através de suas narrativas orais todos eles: Adilson, Milene, Henrique, Fernando, Leontino e Baltazar, e não deixando de citar o Demorô, que não permitiu que a entrevista fosse gravada, mas que, em minha opinião, foi uma das que mais contribuiu para esta pesquisa, pois me fez enxergar além do que os olhos podem ver, porque foi com esse trabalhador que fiz meu trabalho de campo, e onde eu tive a possibilidade de perceber como esses sujeitos são vistos pela sociedade, ora como pessoas “invisíveis”, indiferentes, ora como trabalhadores que merecem respeito e dignidade. E foi a partir de suas narrativas orais que foi possível refletir sobre o viver dos catadores de materiais recicláveis na cidade. Lamento por não ter conseguido um novo contato com o Sr. Adilson Olar, por não ter contribuído, mas com esse entrevistado, uma vez que, o que ele me pedia era simplesmente para eu escrever suas poesias, já que tem dificuldades com a escrita.

Por diversas vezes pensei em desistir desta pesquisa, principalmente no período de transcrição das fitas, porque estas tomavam muito do meu tempo, além de ser uma tarefa chata, mal sabia eu que o pior estava por vir, foi quando comecei a discorrer sobre o tema em monografia II, na entrega do primeiro relatório para minha orientadora, quando ela disse: *"não quero que você escreva uma carta, mas faça uma monografia"*, ai pronto, foram finais de semana em casa, madrugadas adentro, horários de almoços, problemas ~~de~~ ^{no} relacionamento, que por vezes me impediram de discorrer sobre determinado assunto, mas agora quando olho para este trabalho, ^{me} sinto feliz e muito me orgulho, já que este é um pequeno fruto de um grande esforço. *Tudo bem*

Ao lembrar-me das minhas primeiras conversas com minha orientadora, professora Dilma Andrade de Paula, que desde o início acreditou em mim, no meu trabalho, que me abriu um leque de discussões possíveis a partir do tema escolhido, que muito contribuiu com suas críticas e sugestões, e atribuo a esta professora, que a todo o

momento me incentivou com palavras como: “*you can do it*” “*you can make it*”, que muito me ajudou, principalmente nos momentos, mais difíceis durante minha pesquisa, ter atingido meu objetivo.

Quando digo ter atingido meu objetivo, não quero afirmar que não existam mais indagações sobre o tema, ao contrário, as indagações se multiplicaram e com elas as inquietações relacionadas ao tema proposto nesta monografia. Procurei abordar, mesmo que de maneira superficial, diversos ângulos, sobre o viver dos catadores de materiais recicláveis e suas relações com a cidade, mas, como este possui um amplo universo de informações, estas podem se discutidas e refletidas futuramente, de maneira mais consistente, já que é sabido que estas vão muito além do que o discutido neste trabalho.

~ Muitos são os assuntos que merecem uma reflexão mais aprofundada, no que se refere ao universo do catador de material reciclável, como a busca pela identidade desses sujeitos, sua re-integração na sociedade, e a rua enquanto espaço público.

a) A busca pela identidade, uma vez que esses sujeitos não se percebem enquanto cidadãos no espaço da cidade, já que são desprovidos de todo e qualquer direitos, cabendo a eles apenas as obrigações, percebidas em forma do controle do poder publico, o qual eles tentam a todo custo forjar.

Sua re-integração na sociedade, a partir das cooperativas e associações de catadores, visto que hoje muito se fala em coleta seletiva como forma de re-integração desses sujeitos no mercado de trabalho, mesmo que ainda existam catadores que resistam a essa modalidade.

E a rua enquanto espaço público, visto que este também é um local de disputas e conflitos sociais. Até que ponto este espaço é público? Quais as formas de controle dos órgãos públicos em relação aos moradores de rua? Perceber as estratégias construídas por estes sujeitos, para conseguirem sobreviver neste espaço de disputas, são assuntos que me induzem a retomar este assunto.

Durante as entrevistas foi possível perceber que a maioria dos catadores veio de outros estados, deixando suas cidades e partindo em busca de novas oportunidades, a partir dessa perspectiva é possível perceber a mobilidade social.

Como este trabalho precisa ser entregue, é preciso interromper temporariamente minhas indagações e inquietações acerca do tema proposto, apesar de que gostaria de dialogar um pouco mais com esses sujeitos. No intuito de compreender mais sobre o mundo onde vivem os seres da meia-luz, retomarei esta reflexão mais adiante.

Referências Bibliográficas

- ANTUNES, Ricardo. **A centralidade do trabalho hoje**. In: Sociedade e Estado. Trabalho: crise e reconstrução. Editora Relume Dumará, Rio de Janeiro, Vol. XI, nº. 2, jul./dez. 1996. p. 281-294.
- AMARAL, Sofia. **Olhe bem, aproveite, porque eles são invisíveis**. Revista Caros Amigos, novembro de 2003.
- COUTO, Ana Mágnia Silva. **Trabalho, Quotidiano e Sobrevivência: catadores de papel e seus modos de vida na cidade – Uberlândia – 1970-1999**. São Paulo: Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 2000. CDHIS ? ?
- COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Editora Globo, 2004. É desmontagem ou o livro ? ?
- COSTA, Neila Lamonier. **Uma praça, numa cidade: desigualdades e diferenças no viver o espaço público**. Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2006. CDHIS ?
- CHESNEAUX, Jean. Devemos fazer tabula rasa do passado? **Sobre a história e os historiadores**. História pela cúpula e história pela base. As massas populares na história. São Paulo: Ática, 1995. p. 149-157.
- KHOURY, Yara Aun. **Muitas memórias, outras histórias: Cultura e o sujeito na história**. In: FENELON, Déa Ribeiro. (orgs). Muitas memórias, outras histórias. Olho d'água, maio 2004. p. 117-138.
- MATTOS, Marcelo Badaró. "Pesquisa e Ensino". In: **História: Pensar e Fazer**. Niterói-RJ: Laboratório Dimensões da História, UFF, 1998, p. 91-124.
- MORAIS, Sérgio Paulo. **Trabalho e Cidade trajetórias e vivências de carroceiros na cidade de Uberlândia – 1970-2000**. Dissertação de Mestrado, UFU, 2002. CDHIS ?
- PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Revista Projeto História, São Paulo, nº. 14, fevereiro de 1997, p. 25-39.
- ROSSO, Sadi Dal. **A teoria do tempo de trabalho**. In: Sociedade e Estado. Trabalho: crise e reconstrução. Editora Relume Dumará. Rio de Janeiro, Vol. XI, nº. 2, jul./dez. 1996, p. 295-320.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional. São Paulo: Comp. das Letras, 1998. p. 13-24.

_____. Intervalo: A Lógica Histórica. In: **Miséria da Teoria**; ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 47-62

Fontes da Internet:

www.folha.uol.com.br – Folha Online: Primeira Indústria de reciclagem dirigida por catadores começa em 2005. Arquivo capturado em 14 de fevereiro de 2007.

www.setorreciclagem.com.br – Setor Reciclagem: Catadores recolocados estão satisfeitos – RN. Arquivo capturado em 14 de fevereiro de 2007.

www.revistafenix.pro.br – Dossiê História Oral: uma breve apresentação. Arquivo capturado em 05 de fevereiro de 2007.

Fontes Orais:

“DEMORÔ” – catador de material reciclável, ex-presidiário, morador das ruas de Uberlândia há seis meses, não quis que a entrevista fosse gravada, também não quis falar o seu nome e idade, entrevista realizada em 2004.

LEONTINO, 56 anos, casado, natural de Cerro Azul, município de Rio Vermelho, catador de material reciclável, pelo fato do Sr. Leontino ter problemas de audição, não foi possível compreender o seu sobrenome.

NEVES, Fernando Lima, 26 anos, solteiro, diz não ter filhos, entrevista realizada em 27 de março de 2004. *5ª série*

OLIVEIRA, Baltazar Onório de. 52 anos, casado, morador do Bairro Santa Mônica, trabalha na construção civil como servente e coleta material reciclável durante a noite, entrevista realizada em 24 de Julho de 2004.

PIRES, Milene de Soares. 37 anos, catadora de material reciclável, natural de São Paulo, vive com seu companheiro o Sr. Joélcio Bernardo da Silva de 27 anos, entrevista realizada na Praça Sérgio Pacheco em maio de 2005. *Viverada em loca*

SILVA, Adilson Olar da. 32 anos, solteiro, diz não ter filhos, natural da região de Barbacena, município de Ressaquinha, catador de material reciclável, entrevista realizada em 04 de Julho de 2004. *Escolaridade?*

SILVA, Henrique da. 38 anos, casado, catador de material reciclável, entrevista realizada dia 24 de Julho de 2004.